

# Cumbuca

Aracaju - Ano V - Nº 13 Março/17 - R\$10,00



ISSN 2317-5117



**EDISE**



# Expediente

**Editor**

Amaral Cavalcante

**Produção**

Cândida Oliveira

**Design Gráfico**

Adriano Mendes

Guto Arcieri

José Clécio

**Revisão**

Yuri Gagarin

**Coordenador de Pré-impressão**

Marcos Nascimento

**Assessoria Técnica**

Jeferson Melo

**Gerente Editorial**

Ana Carolline Oliveira

**Colaboradores - Neste Número**

Maria Carolina Barcellos (estudante) • Augusto Luitgards (crítico de arte) • Álvaro Müller (jornalista) • Pascoal Maynard (jornalista) • Juliana Almeida (jornalista) • Lindolfo Amaral (doutor em teatro) • João Augusto Gama da Silva (escritor) • Bruno Pinheiro (poeta) • Francisco Pippio (poeta) • Chico Varella (escritor) • Adiberto de Souza (jornalista) • Gilfrancisco (pesquisador) • Lindvaldo Sousa (pesquisador)

## Cumbuca

Ano V | Número 13

cumbuca@segrasese.gov.br

(79) 3205-7421

Rua Propriá, 227 - Centro

Aracaju - SE



Governo do Estado de Sergipe

**Governador**

Jackson Barreto

**Secretário de Estado de Governo**

Benedito de Figueiredo

**Secretário de Estado da Comunicação**

José Sales Neto



Serviços Gráficos de Sergipe

**Diretor-Presidente (em exercício)**

Ricardo José Roriz Silva Cruz

**Diretor Industrial**

Mílton Alves

**Diretor Administrativo-Financeiro**

Ricardo José Roriz Silva Cruz

Cumbuca conta com o apoio da Secretaria de Comunicação Social do Governo do Estado de Sergipe.

## carta ao leitor

A diretoria da Segrase, através da Editora Diário Oficial de Sergipe/EDI-SE, apresenta a edição nº 13 da Revista Cumbuca ao seu público leitor, cumprindo, mais uma vez, o dever de divulgar a literatura sergipana nos seus mais diversos aspectos e o de promover a atividade cultural em nosso estado.

Como Empresa Estatal no âmbito do Governo Estadual criada para produzir e publicar o Diário Oficial do Estado de Sergipe, a Segrase amplia suas funções institucionais implementando continuamente as atividades da sua editora, a EDISE, responsável por trazer a lume publicações essenciais à melhor compreensão da sergipanidade.

Assim, contribui efetivamente com a arte e a cultura locais, promovendo o registro de fatos históricos que nos dizem respeito, difundindo a produção artística contemporânea e oxigenando o ambiente cultural sergipano com a circulação de novas ideias.

A revista Cumbuca, pela diversidade de temas abordados e pela excelência dos textos produzidos por jornalistas e intelectuais comprometidos com a difusão das nossas características culturais, cumpre o compromisso do Governo do Estado de trabalhar pelo desenvolvimento integral do povo sergipano.

Ricardo José Roriz Silva Cruz  
*Presidente da Segrase*

diário



04



Elias Santos:  
o tempo  
das coisas  
*Maria Carolina  
Barcellos*

10



A arte  
multicultural  
de Ismael  
Pereira  
*Augusto  
Luitgards*

16



Clínio & Tabaréu  
*Chico Varella*

20



Cataluzes  
*Pascoal Maynard*

28



Passos: luteria,  
sobrevivência e arte  
*Álvaro Müller*

36



Los Guaranis:  
os reis de baile  
*Juliana Almeida*

48



O Corcunda  
de Notre Dame  
*Lindoífo Amaral*

54



Gilson Cajueiro  
de Holanda:  
uma lembrança  
*João Augusto  
Gama da Silva*

44 - Poesia

*Bruno Pinheiro  
Francisco Pippio*

58 - Fernando Sávio: jornalista,  
amigo, intelectual e boêmio

*Adiberto de Souza*

64 - Imprensa Popular,  
Comunista em Sergipe (1949-1964)

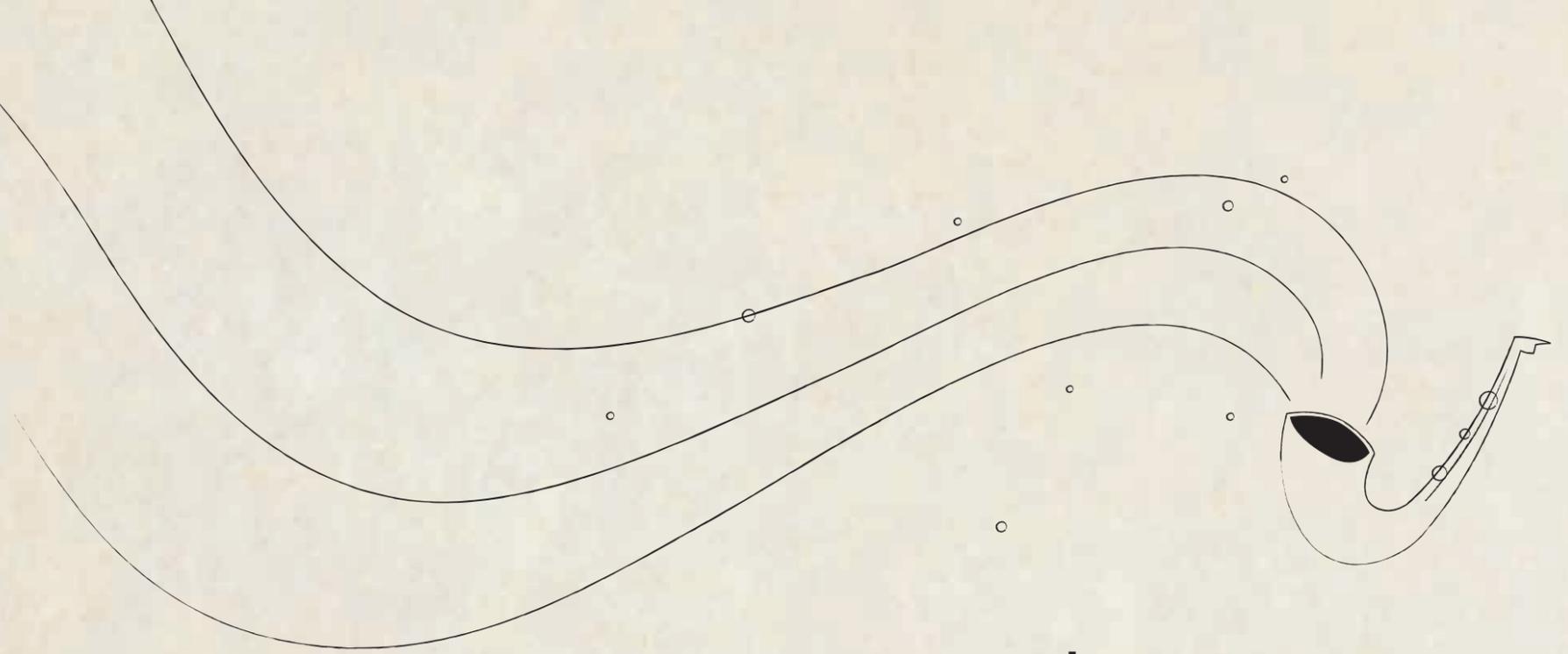
*Gilfrancisco*

72 - Jesuítas como vilões  
da História de Sergipe

*Antonio Lindvaldo Sousa*



Série: Janela  
para Bispo - 2014.



## Elias Santos

Maria Carolina  
Barcellos

### O tempo das coisas

No ano de 1983, o jovem Elias Santos não pensava em outra coisa além de desenhar e devia ter jeito para a coisa: conquistou seu primeiro ateliê, no Colégio Estadual Francisco Rosa. Com 19 anos incompletos e um *All Star* furado, o adolescente competitivo descobriu que poderia ter suas obras expostas e premiadas. Ao começar a pintar, conheceu pessoas com quem podia dialogar – como Ludovice, que o incentivou a produzir paisagens, Osvaldo (da Galeria Zé de Dome), Florival Santos, entre outros – e que o inseriram no mercado de arte em Aracaju, bastante movimentado na época. Ainda na casa dos pais, no conjunto Bugio, em Aracaju, começou a pintar na

garagem, ao mesmo tempo em que seu irmão Geziel tocava saxofone. Elias percebeu que a quebra dos ritmos sonoros influenciava sua pincelada. Era o início de sua necessidade da experimentação e que deu origem à série “Os músicos”.

Aprofundou seu conhecimento técnico sobre as diversas linguagens das artes plásticas como bolsista da Escola de Belas Artes da UFBA e em seguida foi convidado para uma residência em Rhode Island, nos Estados Unidos. Posteriormente graduou-se em História pela Universidade Tiradentes e fez especialização em Arte-educação. Ganhou vários prêmios em Salões de Arte pelo país e fez diversas exposições individuais e coletivas.



Série: O Prático, Zé Peixe - 2013.

Apesar do domínio em diversas técnicas e materiais e do reconhecimento de sua habilidade precoce, sua produção continuaria bem mais ligada ao conceito de Arte Bruta, em vez de aderir às facilidades de composições que tenham mais apelo comercial, uma escolha consciente. Mesmo requisitado com a encomenda de retratos e esculturas, Elias Santos parece preferir focar sua energia na produção de obras que não lhe oferecem nenhum adiantamento financeiro, e às vezes são frutos de meses ou anos de estudo sobre temas não encomendados, ou seja, não fazem apologia a nada além da forma e da própria estética.

Paralelamente à sua produção artística, passa adiante seu conhecimento, ministrando aulas. É professor do SENAC (SE) desde 1983. Atuou no Núcleo Arte (no Cultart), na Galeria Álvaro Santos, na Sociedade Semear, com aulas

de desenho, xilogravura, pintura e escultura. Hoje dá aulas particulares em seu próprio ateliê, o Espaço de Arte 745. Sua atividade profissional vem sendo dividida há algumas décadas entre a produção de sua obra e o ensino, algumas vezes unindo as duas atividades, como no ano de 2005, quando criou o projeto Gravura de Inverno, gerando ações para a difusão da arte da xilogravura em Sergipe.

Na última década, aliás, tem produzido com sucesso séries de xilogravuras – muitos com o apoio de editais de cultura. Em 2012, criou a série “Bom dia, Gonzagão”, em homenagem ao centenário de Luiz Gonzaga, aprovado pelo Ministério da Cultura, que circulou em Exu (PE) e em Sergipe. Ainda com a xilogravura, expôs no Museu Casa da Xilogravura, em Campos do Jordão (SP) e circulou por diversos museus do país, convidado pelo curador e também artista Bené Fonteles, como único sergipano a participar da mostra “Nordeste Reinventado na imagem gravada”, ao lado de nomes como Samico e Mestre Noza. Especificamente no campo da xilogravura, há uma aceitação quase imediata da estética ligada aos temas tipicamente nordestinos (como as séries homenageando

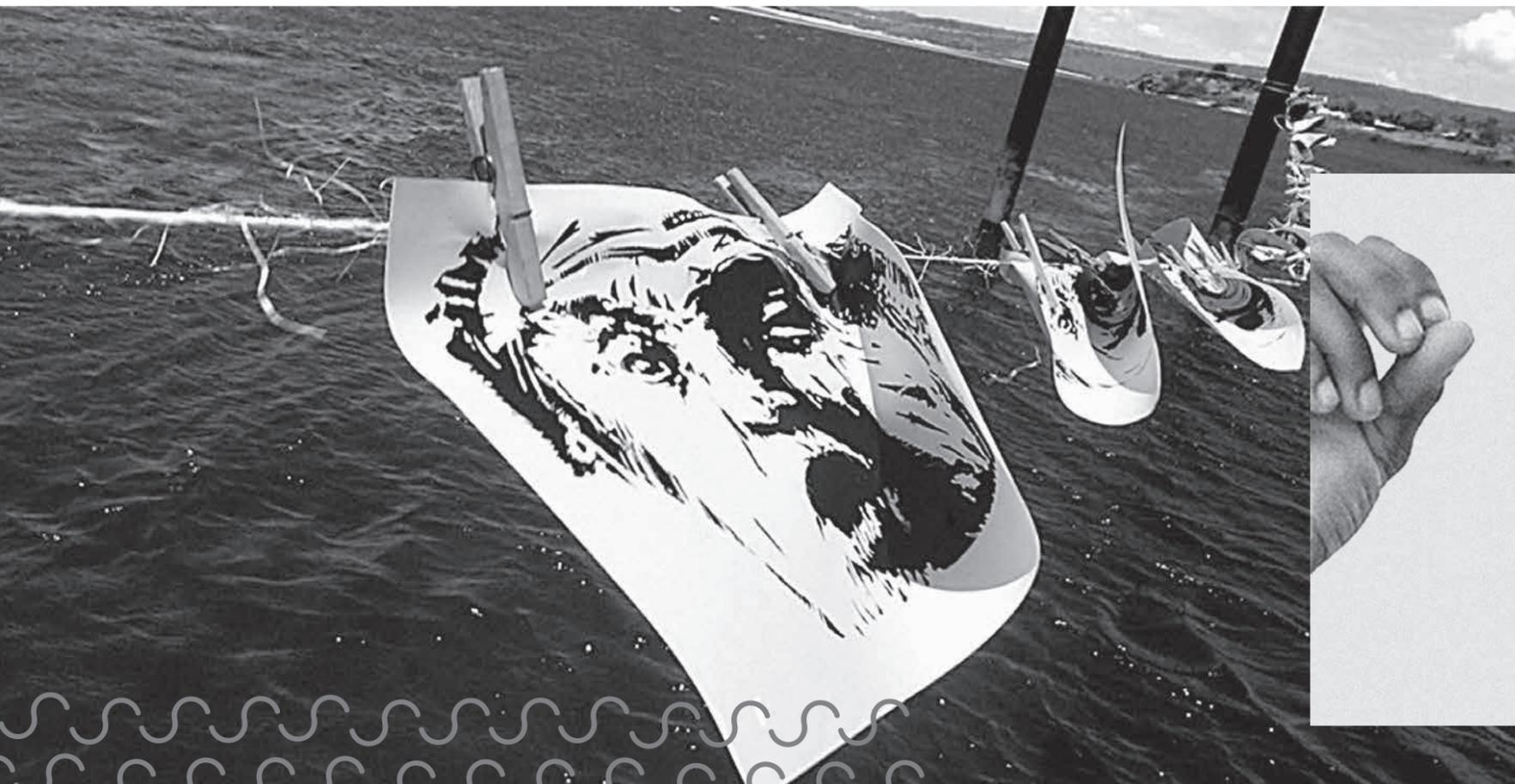
Gonzagão, Dominginhos e o bando de Lampião), mas há qualquer coisa que separa as gravuras de Elias Santos das tradicionais, que remetem à Literatura de Cordel. “Ruídos” (2011) é uma amostra do uso da técnica com traços muito particulares e com abordagem temática completamente contemporânea.

A trajetória artística de Elias Santos tem uma marca muito peculiar: ao conseguir atingir um domínio técnico que lhe proporcionaria mercado para viver exclusivamente de suas criações, o artista viu-se diante da produção contemporânea, com a qual sentiu verdadeira identificação. Com a necessidade de experimentar para criar uma poética própria, sua obra deixou de ter como objetivo agradar o gosto de uma crítica média ou possíveis compradores. A consistência de suas séries de criações reside exatamente na necessidade de não se repetir. O impulso de gerar novas sensações submete a técnica, já dominada. Mesmo dentro de um universo aparentemente definido e confortável, como o da xilogravura, existe um traço inquieto na execução, que transforma uma técnica tradicional (e com temas que poderíamos chamar de familiares) em produto único e absolutamente original.



Série: O Prático, Zé Peixe - 2013.

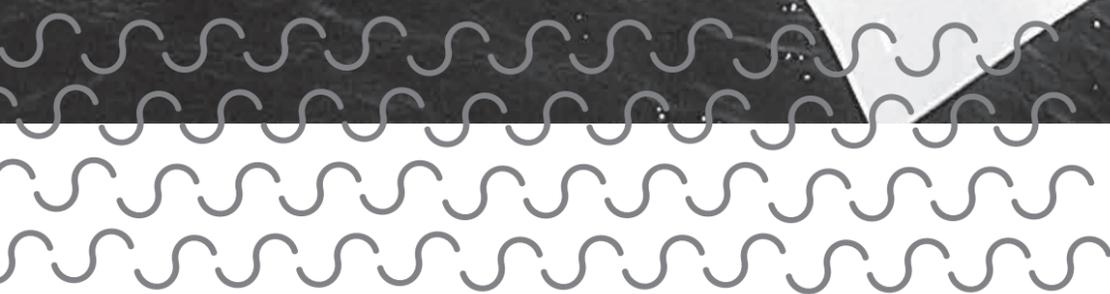




Gonzaga e o Rio São Francisco  
vão bater no meio do mar - 2012.



Foto: Walter Chou.



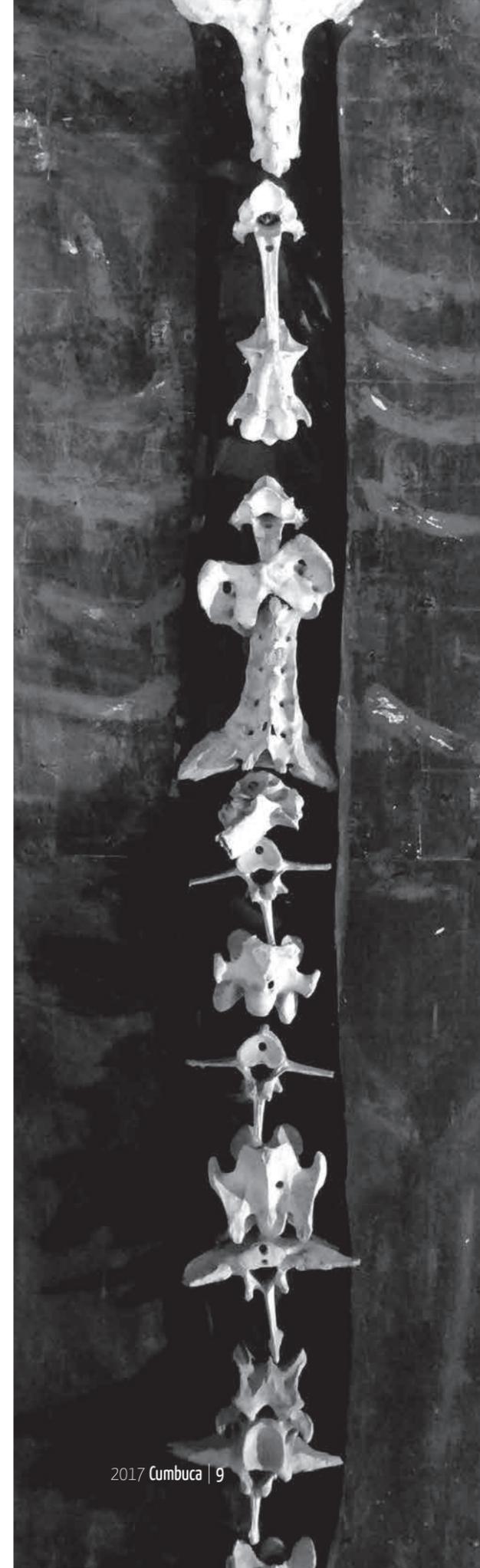
Em sua maneira de realizar intervenções urbanas, na escolha dos materiais, no viés que busca para dispor sua composição, Elias Santos sempre recorre ao inusitado, o asfalto em vez do sagrado, o ruído no lugar da melodia limpa. Abrindo mão do conforto do público, o artista se mantém fiel à proposta de ele próprio não se acomodar. Por isso suas fases parecem dissonantes (ou até mesmo uma negação do momento anterior): o tempo, o espaço e o olhar recusam o rótulo, e o criador prefere não comprometer a recepção do público criando legendas sobre as imagens. As co-

res, formas e texturas têm muito a dizer para quem se dispuser a ouvir.

Em 2014, foram expostas obras de diferentes fases do artista, na exposição intitulada: “O tempo das coisas”, no espaço Semear. As obras ali dispostas apontavam para esse caminho sinuoso. Materiais que podiam estar enterrados ou descartados, ossos que podiam findar esquecidos posavam para o artista como outrora damas e naturezas mortas em penumbra. O erotismo e violência sutil de vermelhos, borracha e plástico unidos em aparente caos, mas que é minucioso e árido.

Em silêncio, com pregos porosos de ferrugem, cheiro de borracha desprezada, Elias Santos desperta nos olhos do expectador o que fuzis e bombas, espadas e lanças abrem nos corpos. A ferida aberta da tela, a arqueologia da imagem. O sangue é fictício, mas assombra. Corpos de animais abandonados. O grito pressentido fica estagnado na violência das formas. Não é mais a morte que vibra: o esqueleto é a paz final do corpo. E a obra é a possibilidade de vértebras convertidas em surpresa. Opacidade, absorção, invenção. Arte sem moldura, sem prefácio. **C**

Qual desses falta em você?,  
da série A Cor do Osso - 2000.





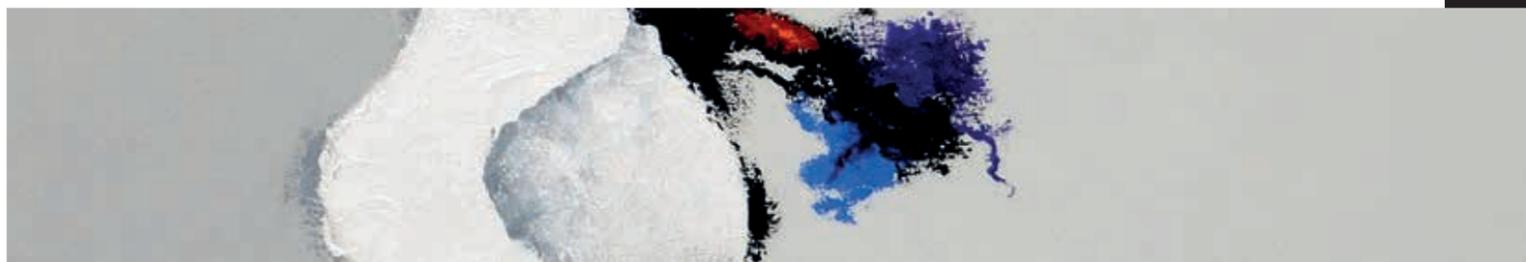
## A arte multicultural de Ismael Pereira

Augusto  
Luitgards

Ismael Pereira integra o grupo dos artistas plásticos em que vida e obra se fundem em prol de nossa fruição estética. A cada uma de suas criações, o artista agrega as inúmeras referências estéticas de que ele tem apropriado ao longo de uma trajetória rica de vivências. São, ainda, constituintes desse universo peculiar a inquietação característica dos artistas que não se resig-

nam diante de esquemas de sucesso fácil, a familiaridade excepcional com as cores e a capacidade de harmonizar elementos das culturas local e global. Permito-me afirmar que o artista produz uma arte “glocal”. O termo é um neologismo cunhado por meio da fusão dos termos global e local para nomear a presença da dimensão global na constituição de uma cultura local.





No exercício de apurar a beleza, que, posteriormente, plasma em suas obras, o artista lança mão dos arabescos tão presentes na arte islâmica, das volutas utilizadas profusamente na Grécia antiga e no Barroco e de elementos do pontilhismo característico dos impressionistas.

Ao apropriar-se dessas referências clássicas, Ismael Pereira as ressignifica por meio da aproximação com elementos tipicamente locais. Essa aproximação não se dá de maneira subserviente e nem envolve qualquer tipo de reprodução acrítica. Pelo contrário, o artista, com muita maestria, emprega, refinadamente, o legítimo recurso do citacionismo, esse procedimento tão usual na alta modernidade e que envolve o emprego, na concepção e elaboração de novas obras, de referenciais já consagrados na História da Arte.

Recebem a atenção da rica paleta do artista tanto as convencionais telas quanto objetos de arte popular, muitos deles de artifícios anônimos, que são recolhidos em suas andanças. Notáveis nos trabalhos em tela são as mandalas, elaboradas com paciência monástica e muito apuro técnico. A essas formas primordiais circulares, que povoam o inconsciente coletivo de várias civilizações, são agregados os já mencionados arabescos e volutas, minuciosos elementos filiformes e elementos geométricos dispostos de forma muito peculiar.

Ao migrar das telas para objetos tridimensionais, Ismael generosamente, emprega muitos dos elementos presentes em suas mandalas agregando novos sentidos a esculturas antropomorfas e zoomorfas, objetos utilitários e devocionais. No estabelecimento da cumplicidade entre Ismael

## DADOS BIOGRÁFICOS

Ismael Pereira Azevedo nasceu em 1º de outubro de 1940, na cidade de Capela-Sergipe, filho de Pedro Joaquim de Santana, ferreiro/mecânico e de Joana Pereira de Azevedo, doméstica. Ainda criança, Ismael já demonstrava interesse pelo desenho, revelando a sua nascente vocação em rabiscos espalhados pela casa.

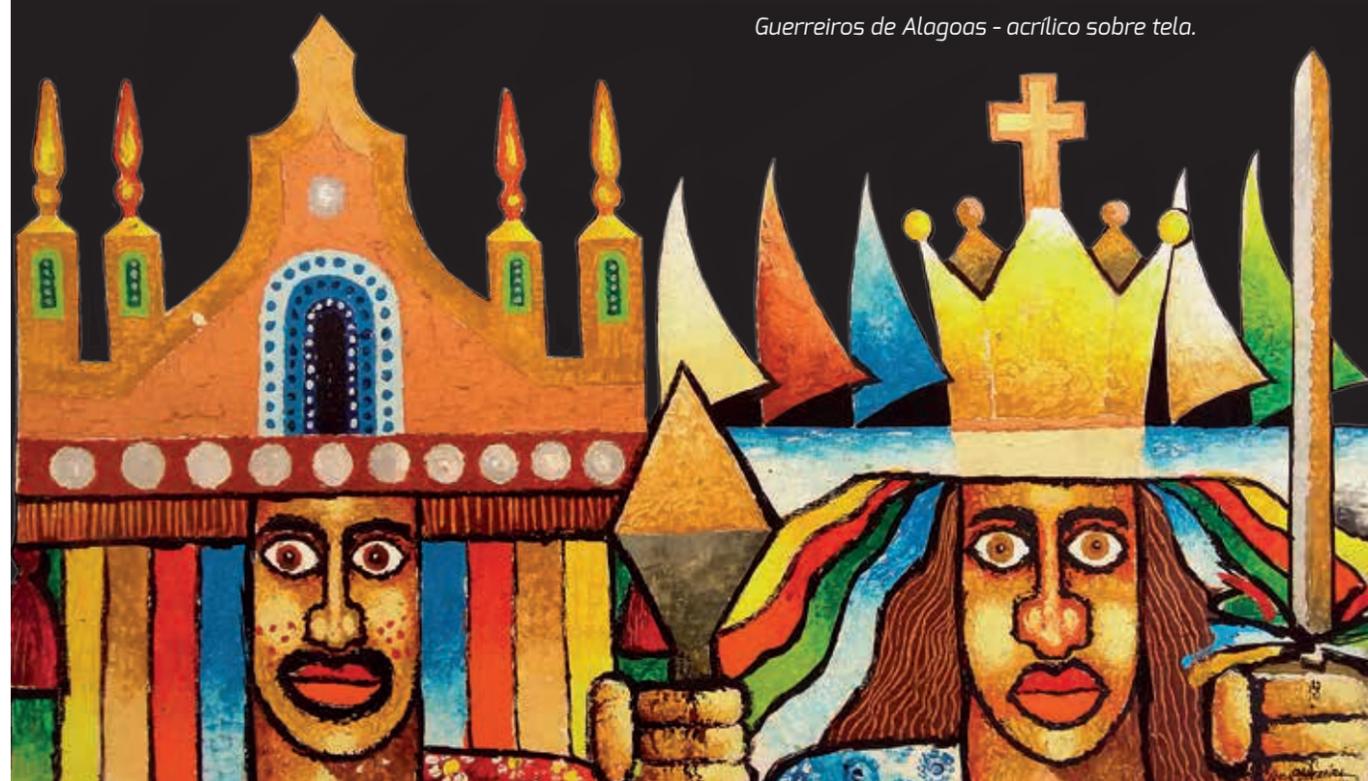
Aos 18 anos, ingressa nas fileiras da Força Aérea Brasileira onde o seu talento foi mais amplamente reconhecido e coroado de pleno êxito, assumindo a função de desenhista do Esquadrão da Base Aérea do Salvador. Ao dar baixa da Força Aérea, consegue emprego de desenhista publicitário em Salvador numa fábrica de letreiros luminosos, onde labora cerca de três anos, e, após aprender tudo concernentemente ao ramo, resolve voltar para Aracaju, com suas economias, adquire o maquinário básico e monta seu primeiro negócio, constituindo-se assim o pioneiro na fabricação de letreiros luminosos em acrílico

no Estado de Sergipe, sem nunca abandonar suas experiências como artista plástico.

A primeira exposição individual de Ismael aconteceu na Galeria de Arte Álvaro Santos, na época em que era presidente o professor Clodoaldo de Alencar Filho. Como artista plástico, Ismael Pereira já foi várias vezes catalogado e premiado, sendo considerado pela crítica especializada como um dos maiores expoentes do chamado "Neo-regionalismo Nordeste". É filiado a Associação Internacional de Artes Plásticas com sede em Paris - "AIAP", realizou várias exposições coletivas e individuais no Brasil e no exterior.

Chegou um tempo, porém, em que os condicionamentos figurativos regionalistas começaram a sufocar a criatividade do pintor, ele teve coragem de renovar-se, formalmente. Primeiro, criou a série Guerreiro das Alagoas, na qual os característicos chapéus dos integrantes desse folguedo popular

*Guerreiros de Alagoas - acrílico sobre tela.*





inspiraram-lhe instigantes composições geométricas; depois, a Série Jangada das Alagoas, mostrando velas reduzidas a simples triângulos, agrupadas em sobreposições, ou servindo de suportes de elementos decorativos e até mesmo logomarcas empresariais. Mais inovadora, ainda, a Série dos Cajus, na qual não hesitou em desconstruir a fruta-símbolo de sua terra natal.

De repente, o artista “descobriu” a mandala e dela se apropriou para criar composições de tamanha minudência de detalhes que mais parecem saída das mãos de fada das nossas bordadeiras e rendeiras.

Aos poucos, porém, as cores – que o artista vinha mantendo rebaixadas e aprisionadas pelos traços fortes do seu desenho, libertaram-se, como na Série “Galos de Briga”, na qual as cores já criavam sozinhas as formas pretendidas – isoladas ou afrontadas. Dando mais um passo, Ismael Pereira dispensa essas últimas referências miméticas, deixando que as cores explodissem, com estupefaciente riqueza de nuances, em composições resolutamente abstratas, chegando, assim, ao abstracionismo informal onde Ismael Pereira

emprestou um “sotaque” nordestino àquela linguagem.

Vale ressaltar que, paralelamente à pintura de cavalete, Ismael Pereira vem transformando objetos de cerâmica popular em autênticas obras de Arte, ao revesti-los com um tratamento pictórico personíssimo, que os torna peças únicas. Uma prática que, indubitavelmente, configura uma ligação umbilical com as tradições regionais.

É membro da Academia Maceioense de Letras, sócio honorário da Associação dos Ex-Combatentes do Brasil. É Mestre Instalado, Grau 33 da Maçonaria, condecorado com a “Medalha do Mérito Montezuma”. Recebeu a Medalha do Mérito Inácio Barbosa; a Medalha do Mérito Militar do Corpo de Bombeiros do Estado de Sergipe; a Medalha Serigy; a Medalha de Ordem ao Mérito Parlamentar do Estado de Sergipe e o Título de Cidadão Aracajuano outorgado pela Câmara Municipal de Aracaju. É Membro da Academia de Letras de Aracaju, bacharel em Direito pela Universidade Tiradentes, continua pintando profissionalmente nos suportes tela e cerâmica, escrevendo, publicando crônicas e artigos e realizando exposições periódicas.



Mandala - acrílico.

e variada gama de suportes sobre os quais faz intervenções, o artista transmuta-se em um demiurgo, na acepção platônica do termo, pois, ao observar as formas, emprenha-se, denodadamente, no trabalho de potencializar as possibilidades estéticas de cada uma delas.

Nesse ofício de potencialização das possibilidades estéticas, Ismael tem como aliados a habilidade de estabelecer harmonicamente a composição de suas obras, a exploração sensível dos recursos óticos, a criteriosa seleção de cores e as combinações mais produtivas entre elas. Arremata esse conjunto de elementos formais a luminosidade que o artista tão bem transpõe do seu Nordeste para obras. **C**



# CLÍNIO & TABARÉU

## 50 ANOS

de seresta,  
gandaia e  
o escambau

Chico Varella

Menos de 30 anos após sua libertação como escravos, os negros, agora livres, ampliaram sua cultura musical. Das danças e ritmos do Brasil: polca, lundu, xote, maxixe, gradativamente, evoluíram. Até que, em 1916, na casa da Tia Ciata, Ernesto dos Santos - Donga- gravou o inédito *Pelo Telefone*, que é considerado o marco inicial, o nascimento formal do samba. Já lá se vão 101 anos. À época, nas casas das *tias* – muitas delas negras forras – a novidade musical se fortaleceu. Donga, Pixinguinha, Sinhô, Heitor dos Prazeres, João da Baiana fizeram a grande transição do *batuque*, para o *samba*. E o eternizaram.

A tenra semente, aos trancos e barrancos, germinou. Daí em diante foi discriminada, considerada música de marginal, de malandro. Ora proibida formalmente. Ora tolerada. Entretanto, encorpou. Sobreviveu a tudo e a todos. Atravessou o século XX, onde nasceu, e entrou gloriosamente no atual século. Frondosa árvore de nossos costumes. Em 1975, Edson Conceição e Aloísio Silva, pediam: “*não deixe o samba morrer, não deixe o samba acabar...*” e, em 1979, Nelson Sargento, tranquilizava: “*... o samba, agoniza, mas não morre...*”, Cartola esnobava: “*...o samba, com a mesma roupagem que saiu daqui, exibiu-se para a Duquesa de Kent, no Itamaraty...*”. E, desde os anos 30, o magistral Noel Rosa doutrinava: “*...batuque é um privilégio,*

*ninguém aprende samba no colégio...*”, arre-matando: “*o samba na realidade não vem do morro nem lá da cidade...*”. Conclusão: o samba é o samba. Ponto!

E permanece sendo o baluarte da nossa cultura musical. Ao seu redor, sobrevivem também outras modalidades imortais: choro, samba-canção, sertanejo, brega e a imbatível dor de cotovelo - a dor de corno, no dizer do populacho. O resultado dessa miscigenação, desse amálgama cultural e racial, que se funde num cadinho de gandaia, é a nossa brasileiríssima seresta. Nesse universo eclético, nessa atmosfera pândega, com grande desenvoltura, orbitam dois músicos sergipanos, dois grandes amigos de juventude que se conhecem desde 1968 e, desde então, digladiam-se em rodas de boêmia, numa festança infinda: Clínio Guimarães (voz e surdo) e Nelson Guimarães – o Tabaréu (violão de 6 cordas). Ainda que tendo o mesmo sobrenome *Guimarães*, não tem em comum nenhum grau de parentesco. São coisas do destino. Coincidências da vadiagem. Da vadiagem, advirto. E, por serem também meus amigos, é sobre eles que falarei.

Pouco menos de 30 quilômetros separam Simão Dias de Lagarto, no interior de Sergipe. Embora cidades limítrofes, a distância entre elas, nas décadas de 50 e 60 era enorme, pela dificuldade de transporte. Assim viveram suas infâncias nos-



1.



2.



1. Clínio na bateria de Seu Barbosa, o pai  
2. Com Sérgio Botto e Amaral Calvacante na década de 70



Clínio e Tabaréu

os personagens. Clínio, em Simão Dias. Tabaréu, em Lagarto. Clínio recebeu sua influência musical básica do pai, Seu Barbosa, tipo *faz tudo* na Filarmônica Lira Santana podendo-se, inclusive, considerá-lo *leaderband*. Tabaréu, recebeu também do pai, o Dr. Guimarães, exímio violinista, tocava na Orquestra Sinfônica de Sergipe, o básico de sua influência musical. Ambos nasceram bafejados pelo sopro de Euterpe, Musa da Música.

Corria o ano de 1968 e, em Aracaju, Sérgio Botto promovia agitação cultural na música de Sergipe. Maestro, arranjador, compositor, pianista, do alto dos seus 1,60 metros, era, na realidade cultural, um indócil gigante. Inventou uma roda de música que rolava na Praça da Bandeira, bucólico recanto da cidade de Aracaju. Num desses eventos, formal e musicalmente, Clínio e Tabaréu se conheceram. Estavam criadas uma dupla

musical e uma amizade que completa meio século de existência. A arte, a cultura sergipana e os fabricantes de cerveja, penhoradamente, agradecem ao Sérgio por esta aproximação. Daí em diante, foi só alegria.

Donos de memória musical invejável, Clínio e Tabaréu tocam por horas, cobrindo uma enorme gama de músicas de seresta, sem repetição. Vale esclarecer, a existência de um *caderno* usado pelo Clínio que, segundo as más línguas, tem letras que vão do maxixe ao cantochão medieval, do choro à dança kuarup. Falam também que o violão do Tabaréu não é de 6 cordas. Na realidade, tem sete cordas. Sendo a última, invisível. Somente audível nas baixarias e nos acordes.

Audições gratuitas podem ser degustadas no Bar e Restaurante do Camilo, em Aracaju, sextas-feiras às tardes. A alma e o estômago, agradecem de coração. **C**



# CATALUZES

*Pascoal Maynard*



Cataluzes em Portugal, 2007



O ano é 1981. Naquele ano, duas bombas explodem em um carro no Pavilhão Riocentro, no Rio de Janeiro, durante um show comemorativo do Dia do Trabalhador, matando o sargento Guilherme Pereira do Rosário e ferindo o capitão Wilson Dias Machado, ambos do Exército Brasileiro, no chamado Atentado do Riocentro.

Luiz Inácio Lula da Silva e outros sindicalistas são condenados a três anos de prisão, por incitamento à desordem coletiva.

Pelé recebe o título de Atleta do Século, eleito pelo jornal francês L'Equipe. O país vive sob a angústia do golpe militar de 1964.

A censura militar dita o que a população brasileira deve ver, ler e ouvir. Não se pode pensar em justiça, liberdade, e cidadania. Tudo é proibido.

Surgidos no final dos anos 60, os festivais de música, espalharam-se pelos quatro cantos da nação e continuaram, durante quase três décadas, revelando grandes nomes da nova música popular brasileira. Muitas dessas músicas construídas por meio de versos de “protesto”, ecoavam pelo país como um grito de resistência ao regime.

Os primeiros encontros musicais entre Cláudio Miguel e os “Irmãos Amaral”, como eram chamados os irmãos Antonio e José, todos eles residentes no bairro

de Santo Antônio, aconteceram no início da década de 70, quando se reuniam nas imediações da Igreja do Espírito Santo, para tocar violão e cantar as músicas de sucesso da época. Esse fazer musical vai continuar, na segunda metade dos anos 70, na Universidade Federal de Sergipe, onde Antonio e José participavam ativamente do movimento estudantil, em que eram promovidos pequenos shows que aconteciam durante as manifestações promovidas pelo Diretório Central dos Estudantes (DCE), nos quais Cláudio e os irmãos apresentavam-se.

Começaram a surgir, então, as primeiras composições, carregadas de poética social, em sintonia com acordes que eram verdadeiros gritos de liberdade. Essa musicalidade conquista rapidamente o público universitário. A primeira música “**Depoimento**” (Cubículo / Clube da loucura / Diverte torturadores, apenas / Mas, curar ideais / Ah ! Jamais ! / Oh ! Essa pressa, pressão / Verde opressão de sangue / Gueto favela, fivela de fogo / amarelo-bandeira / Corpo, rastro de pó / És tu, regime bandalheira !) foi composta exatamente para servir de pano de fundo aos movimentos grevistas, o que tornaria a participação deles cada vez mais solicitada no meio.

Durante o ano de 1981, Cláudio Miguel, os irmãos José e Antonio do Amaral, juntamente com Valdefrê, participaram, na cidade de Lagarto, no Estado

de Sergipe, do FLAMP – Festival Lagartense de Música Popular. O nome do grupo era “**Tempo Concreto**” e interpretaram a música “**Ilhas Olhos**”(Essas ilhas lá no céu / Me fazem pensar nos teus olhos / Azuis / Infinitamente mágicos / Brilhos brincando no céu / Me lembram rostos das retinas: / Negros / Magicamente pérolas / Ah ! Se eu fosse um pássaro / Dançando em volta dos teus olhos / Dessas ilhas azuis / Infinitamente mágicas! / Ilhas / Olhos / Olhos / Ilhas / Ilhas / Olhos / Ilhas / Olhos / Lanternas para minhas trilhas ), de autoria de Cláudio e Antonio do Amaral. Classificaram-se em segundo lugar e obtiveram, ainda, os prêmios de melhor arranjo e melhor intérprete.

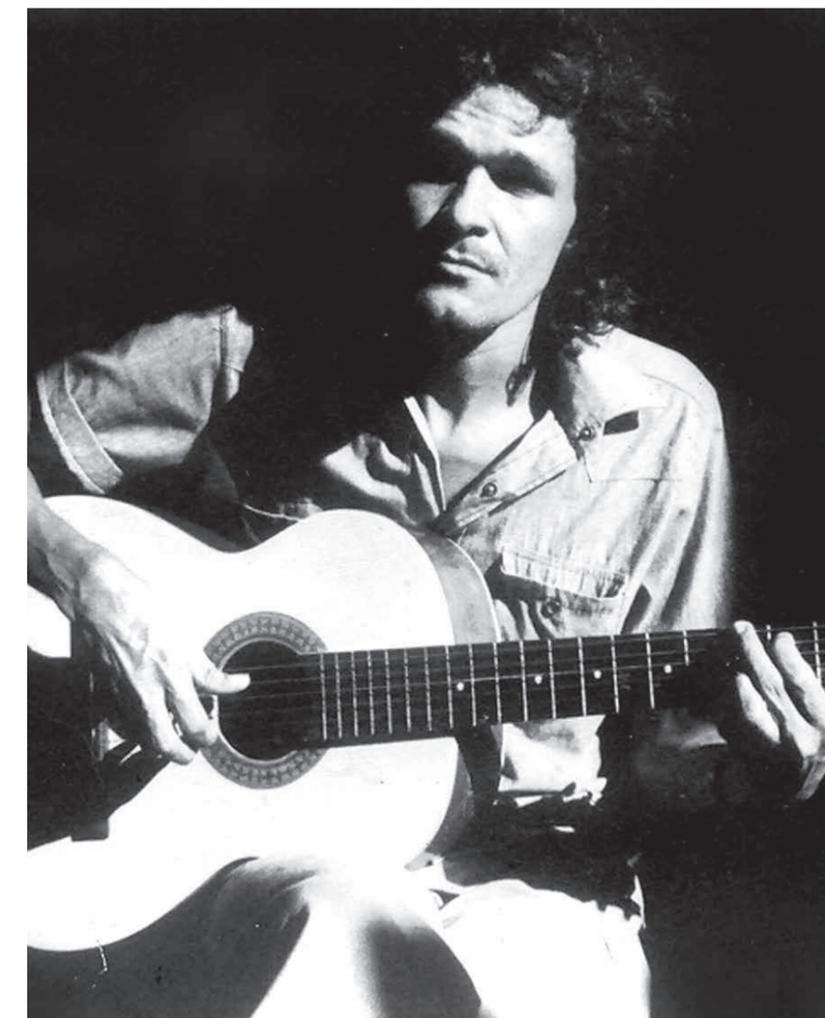
Após o festival ocorrido em Lagarto, o grupo resolveu continuar o trabalho musical, todavia com o nome “**Cataluzes**”.

Contando com um extenso volume de composições, reconhecido e aplaudido em seus espetáculos, principalmente pela sua qualidade musical, em meados de 1983, o grupo entendeu que tinha chegado o momento de gravar o seu primeiro disco.

Por meio de empréstimo tomado pelo grupo à rede bancária e com o apoio cultural do Banco do Estado de Sergipe e da Universidade Federal de Sergipe, segundo Antonio do Amaral, “ em janeiro de 1983, o *Cataluzes* entrava nos estúdios *Transamérica*, no Rio de Janeiro, para gravar as dez faixas do disco mais emblemático

da história da música popular de Sergipe, o LP *Viagem Cigana*”.

Contando com as assessorias da produtora sergipana, radicada no Rio de Janeiro, Siomara Madureira, e do agente cultural da UFS, Luiz Eduardo Oliva, esse disco contou com arranjos e regência de Paulo Moura. Teve, ainda, as participações, entre outros, de Jacques Morelenbaum, Tú-



Cláudio Miguel



1.



Dezoito anos passaram-se entre o primeiro disco e a produção do CD **“Sangue D’Alma”**, gravado no estúdio A Casa do Som, no Rio de Janeiro, em 2001. Os arranjos e regência ficaram a cargo de Ruy Quaresma e Jayme Vignoli. Contou com os músicos Paulo Moura, Cristóvão Bastos, Jurim Moreira, Victor Neto, Andrea Ernest Dias, Joel Nascimento, Rildo Hora e Mary Barreto.



1. Cláudio Miguel, Oswaldo Gomes, Valdefrê e Tonho Amaral  
2. Projeto Novo Canto (1986)

lio Mourão, Joel Nascimento, Jorge Degas, além do próprio Paulo Moura.

Em 1985, com o sucesso do disco **“Viagem Cigana”** o Cataluzes foi convidado a participar do programa Som Brasil, produzido pela Rede Globo, em São Paulo, e apresentado por Roldando Boldrin.

Tempos depois, retornou a São Paulo para realização do show de lançamento da campanha turística do Governo do Estado de Sergipe, **“Venha Conhecer Sergipe”**, no Hilton Hotel.

No ano 2000, Oswaldo Gomes, violonista e guitarrista, passou a integrar a formação de base do grupo **“Cataluzes”**, substituindo José Amaral, que há época dedicou-se a política sindical. Oswaldo trouxe para o grupo a sua experiência musical de muitos anos dedicados a conjuntos de bailes na cidade de Estância.

*“Em meados de 1983, o grupo entendeu que tinha chegado o momento de gravar o seu primeiro disco”.*

Em 2007, através de um projeto de intercâmbio cultural Brasil – Portugal, o **Cataluzes** realizou uma turnê àquele país, a convite do grupo português **“Cavaquinhos e Cantares à Beira”**. Atuando em seis espetáculos em São Pedro do Sul, Vasconha, Póvoa do Lanhoso e Torres Vedras. No ano de 2009, por conseguinte, recebeu em Sergipe os cantores e músicos portugueses para diversas apresentações em Aracaju e cidades interioranas. Dois fados foram gravados pelo grupo Cataluzes em seus discos: Fardo de Léguas e Porto de Veias.

Em 2013, patrocinado pelo Instituto Banese, com o apoio da Petrobras e do Sebrae, o **Cataluzes** gravou o seu terceiro disco, dessa feita pelo selo Fina Flor. Recebeu o título **“Voltar à Aldeia”**. O estúdio escolhido foi Alcatea, também no Rio de Janeiro. Teve a produção e regência de



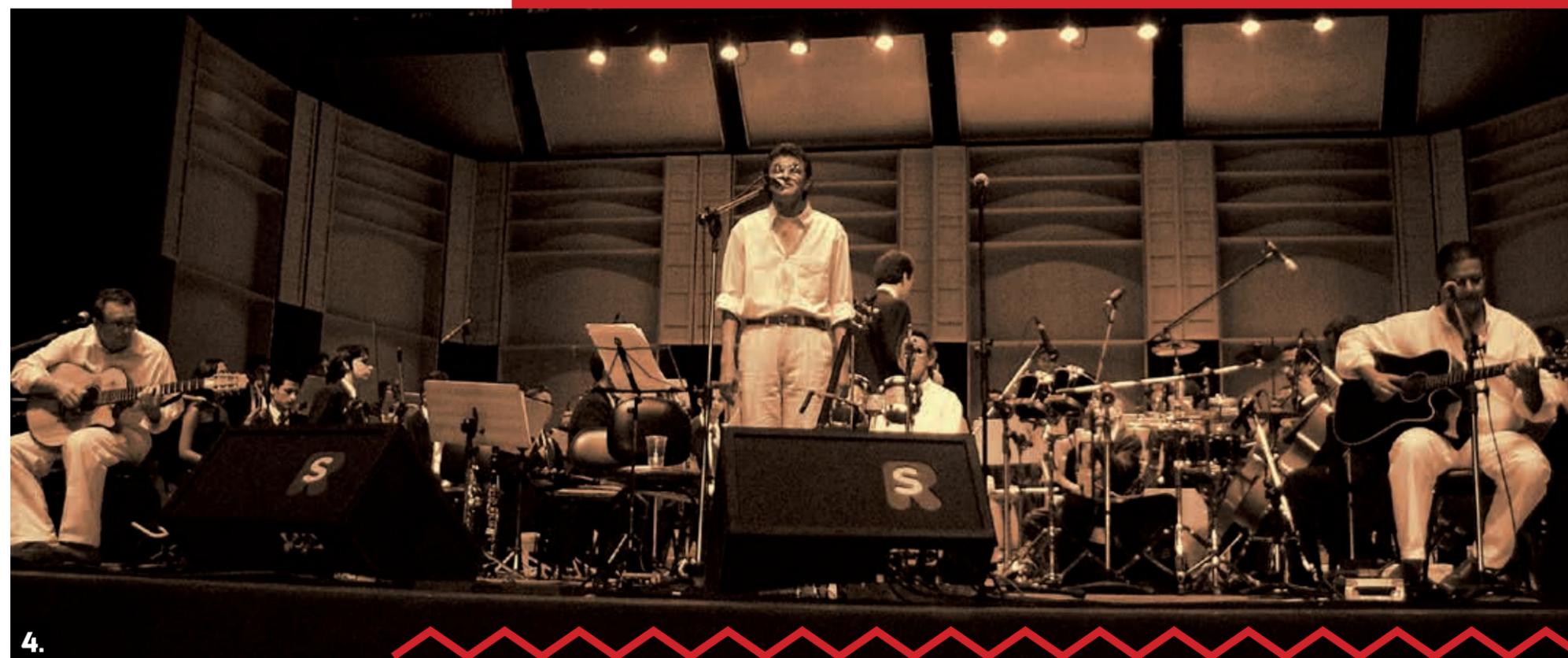
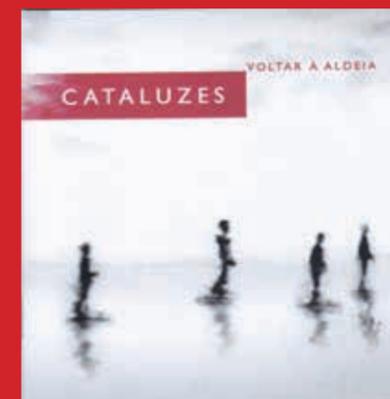
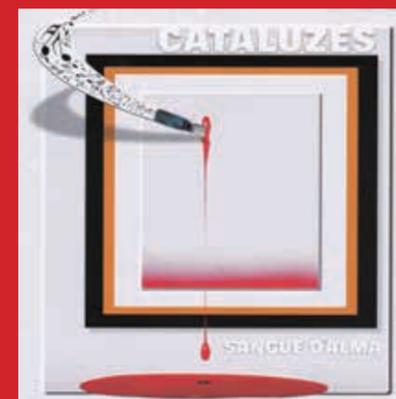
3.

Ruy Quaresma, direção musical e arranjos de Valdefrê, a participação dos músicos, Leo Amuedo, Fernando Merlino, Jurim Moreira, Andrea Ernest Dias, Marcelo Caldi e David Chen.

No ano de 2015, o **Cataluzes** foi homenageado pelo Governo do Estado de Sergipe, com a Medalha do Mérito Cultural Tobias Barreto, em solenidade realizada no Museu da gente Sergipana, com a presença do Governador Jackson Barreto.

Segundo o músico, arranjador e produtor musical, Ruy Quaresma, o **Cataluzes** realiza um trabalho original com uma personalidade marcante e em termos de sonoridade, não aproxima de nenhum grupo ou artista no cenário musical brasileiro”.

O **Cataluzes** é composto atualmente por Valdefrê (voz e violão), Cláudio Miguel (voz e violão) Oswaldo Gomes (voz e violão) e Tonho Amaral (voz e percussão). A música de maior destaque do grupo é “**Cheiro da Terra**”(Lá vem o dia / Despertando a natureza / Vou seguindo a correnteza / Na incerteza de chegar / Dia após dia / Noite dia sem cessar / Tanta dor, tanta agonia / Eu assim não vou ficar / Eu quero o cheiro / Das manhãs da minha terra / Ver o sol nascer na serra / E o vento norte soprar / Eu quero mesmo / É ficar bem juntinho dela / Na praia de Atalaia / Mirando as ondas do mar), de autoria de Cláudio Miguel / part. na letra: José de Gouveia. **C**



4.

3. Projeto Sexta no Parque (1985)  
4. Cataluzes

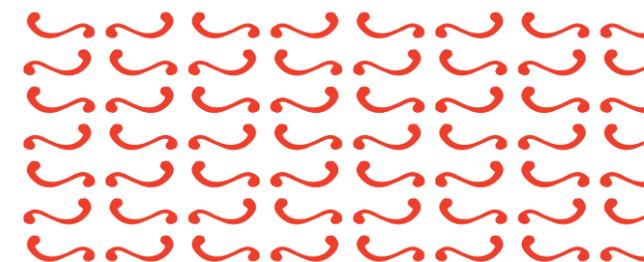
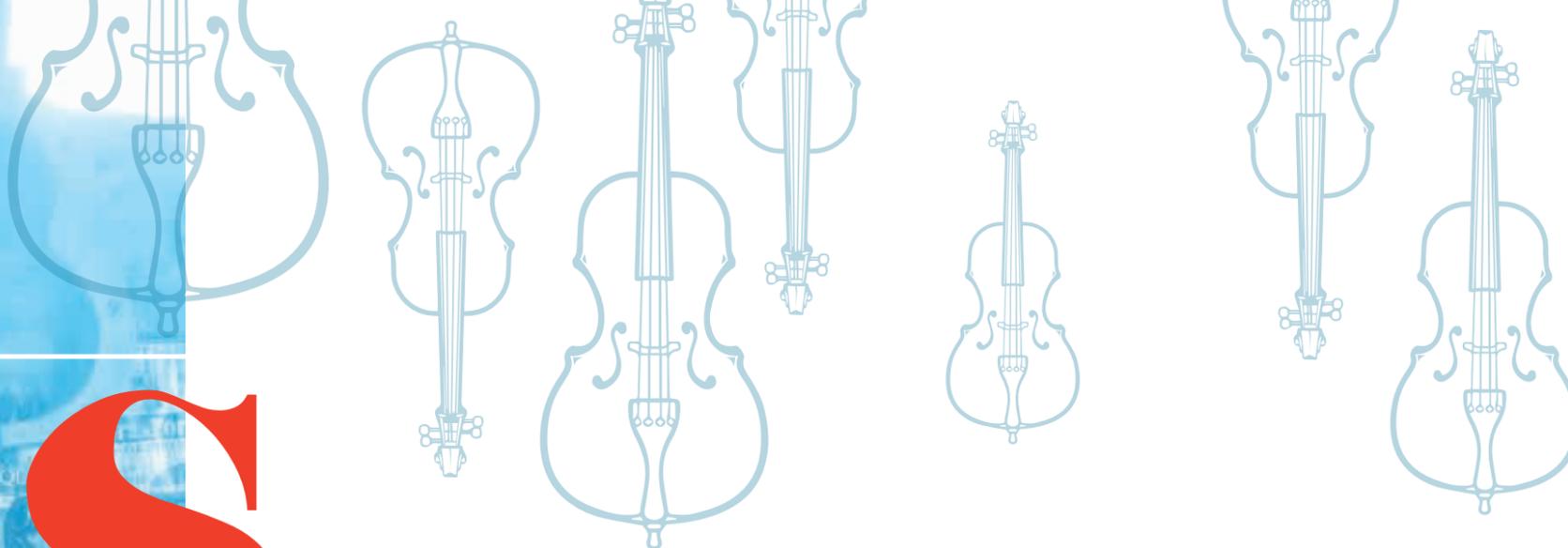




*luteria,  
sobrevivência  
e arte*

De uma oficina modesta no interior de Sergipe, Passos cria e recria instrumentos musicais para o Brasil e para o mundo

**Álvaro Müller**  
*Fotos: Valéria Bonini*



# S

ilenciosa, a Ladeira do Açougue vigia o dorso de um imóvel abandonado, que já serviu de sede para a Prefeitura de São Cristóvão. No estreito caminho, pedras seculares ainda guardam verdades e lendas da quarta cidade mais antiga do Brasil. Alguns moradores garantem: foi exatamente por ali que o Imperador Dom Pedro II chegou à primeira capital de Sergipe, durante visita, em janeiro de 1860. Os estudiosos da história jamais apostariam nisso. Certo mesmo é que hoje são os violões, violoncelos, violinos, banjos, bândolins, cavaquinhos e pianos que sobem e descem o vetusto pendão.

O endereço de chegada ou partida é sempre o mesmo: a casa humilde, número 33, de fachada descascada e paredes sem reboco, onde um senhor de 61 anos todos os dias vai inventar e reinventar o som. Luthier há quase três décadas, José Santos de Araújo é a gênese das harmonias perfeitas. Tem o dom de esculpir instrumentos de cordas que já ganharam o mundo. Só não espere encontrar seu nome de batismo gravado em um deles. “Me chamam Passos ou Passinho só porque eu nasci no dia de Nosso Senhor dos Passos. Nada a ver”, explica, bem-humorado, a origem da alcunha que lhe furtou a identidade.

Passos aprendeu o ofício da marcenaria com o pai e começou a fabricar móveis ainda menino. Tentou a vida no Rio de Janeiro durante a juventude, mas deci-

diu retornar a São Cristóvão para abrir o próprio negócio. Em 1988, aceitou o convite para restaurar um piano no Conservatório de Música de Sergipe, mesmo sem ter o mínimo de conhecimento em luteria. “Quando cheguei lá, eu vi um violino ‘véio’ no porão. Achei o instrumento bonito e comecei a ‘futucar’, quer dizer fazer igual. Aí veio um pessoal da Paraíba e perguntou se eu queria fazer um curso lá. Eu digo: ‘Óia’, rapaz, chegou a oportunidade! Passei um ano na Paraíba e, quando retornei, comecei a produzir e vender meus instrumentos”, relembra.

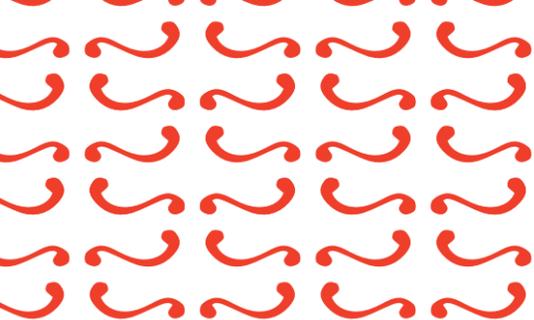
Agora, tanto tempo após criar os primeiros violões, o luthier franzino, de pele morena e olhos esverdeados, cabelos meio grisalhos e jeito pacato, precisa fazer um esforço natural para apontar até onde sua arte chegou. “Teve um ano que eu vendi muito instrumento pra fora. Teve até para a... foi para a Espanha, não foi?”, recorre à memória de um amigo. Mas, logo em seguida, retoma a narrativa. “Foi isso mesmo. Nino Karvan e Pedro Mendonça, músicos sergipanos – você conhece, ‘né’? –, encontraram um cavaquinho assinado por mim nas mãos de um instrumentista lá. Depois o cara até postou um vídeo tocando e me agradecendo. Foi o mais longe pra onde já vendi. Agora, no Brasil, já vendi pra tudo”, atesta.

Em Sergipe, Passos empresta o dom à fabricação de instrumentos medievais e

renascentistas a pedido do grupo musical Renantique, que chegou a fazer um concerto em 2008 em homenagem ao luthier. O cartaz, já corroído pelo tempo, ele ainda exhibe em duas paredes da oficina. “O pessoal primeiro mandou buscar a planta de uma viola de gamba na Inglaterra, me perguntou se eu fazia e respondi que sim. Essa viola é tipo um violoncelo mais trabalhado e com cordas feitas de tripa. Depois que fiz a primeira, já produzi uns oito instrumentos para o Renantique. Também faço serviços para a Orquestra Sinfônica. Concerto arco de violino, instrumentos e tem muita coisa lá feita por mim”.

## O dom

Passos constrói e conserta todo tipo de instrumento de cordas. É um dos raros restauradores e afinadores de piano em Sergipe, mas não sabe absolutamente nada de música. “É o ouvido. O piano foi o início de tudo. Eu conheço a sonoridade, se ‘tá’ boa, ruim, se não presta mais”, resume. Depois, pega um tampo de violino, aproxima da orelha e começa a bater levemente com o dedo indicador. “Quando você ‘tá’ fazendo o instrumento certo, pega, bate aqui, pra ver se ele vai dar um som bem grave ou agudo. Tem que sentir o timbre da madeira. Isso é outra ciência do instrumento”, diz, como se fosse simples – e, para ele, é.



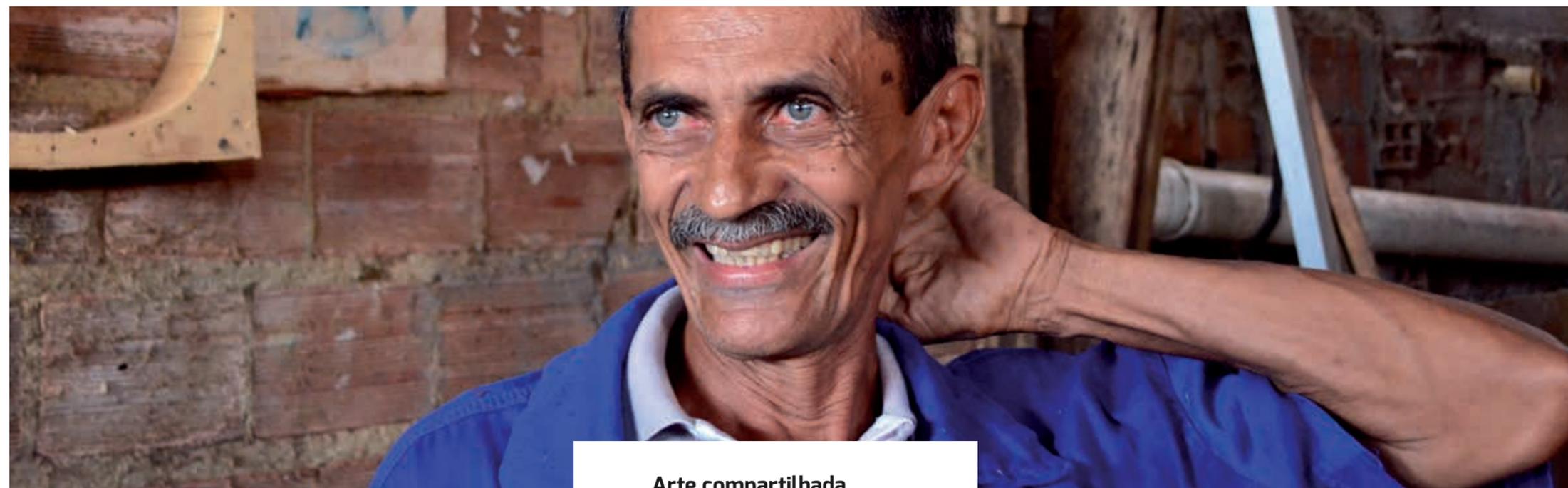
“Restauração de piano em Sergipe, que faça o que eu faço, não tem. O cavalete, por exemplo, ninguém sabe esculpir. Tem um segredo danado: a corda tem que dar uma volta, senão não faz a afinação. Quem me ensinou foi um senhor, quando eu fui para o conservatório, chamado Mosquito, um ‘veinho’ baixo. E tinha outro cara também, formado na Itália, só que ele não queria ensinar o segredo da máquina do piano. Quando chegava nessa hora, mandava a gente comprar um refrigerante pra não ver. Mas, num final de ano, ele tinha mais de dez pianos pra entregar, ‘tava’ acuado, mandou a gente pegar na máquina e explicou tudo. Se não fosse isso, ninguém aprendia”, rememora Passos.

Hoje, em outro imóvel localizado na parte alta de São Cristóvão, o luthier mantém um espaço exclusivo para restauração de pianos. “Este aqui é de Dom João, que substituiu Dom Lessa como arcebispo de Aracaju. Quando ficar pronto, vai pra Lagarto”.

### A matéria-prima

Os instrumentos de cordas assinados por Passos podem custar entre R\$ 1,5 mil e R\$ 8 mil. Quem os adquire garante que são mais baratos e têm melhor sonoridade se comparados aos modelos semelhantes, produzidos pela grande indústria. O luthier explica que o tipo de madeira é um dos segredos para a perfeição.

“Os melhores violões são feitos de abeto e jacarandá. O jacarandá está em extinção e às vezes consigo reaproveitar de móveis antigos. O abeto eu compro em São Paulo, no Espírito Santo, ou reaproveito sobras de pianos que pego pra restaurar e faço um cavaquinho, um bandolim. São madeiras de 80, 100 anos. Já no caso do



### Arte compartilhada

violino, compro o kit pronto, que é o bloco de madeira. Depois é só selecionar o veio pra poder colar e trabalhar. Se você olhar a madeira, vê que ela é toda trígada, então o veio são as linhas, entendeu? Você não pode inverter, ‘né’? Tem que colar a madeira e deixar as linhas no mesmo sentido, porque é isso que dá a vibração”, detalha.

Provavelmente por não saber tocar um instrumento, a grande satisfação de Passos é ouvir um músico profissional elogiar o seu trabalho. “Quando chega aqui pra mim e diz: ‘Rapaz, ficou maravilhoso, melhor do que certos famosos que eu vejo por aí’, é muito gratificante. Tinha uma senhora do Conservatório de Música, já é falecida, chamada dona Nadja, ela tocou na Orquestra Brasileira e tinha um violino de R\$ 30 mil. Só quem mexia nos instrumentos dela era eu. Isso não tem preço”.

Por mais que o reconhecimento venha, Passos parece não se enxergar enquanto artista. “Todo dia a gente ‘tá’ aprendendo, ‘né’? Nunca aprende, mas eu já tenho um bom desempenho com instrumentos clássicos. Dá pra sobreviver do meu trabalho”.

Além de construir e reformar instrumentos, Passos dá aulas gratuitas de luteria. “Muita gente vem aqui na oficina e não tem nem condições de pagar, rapaz. E eu também não faço questão de cobrar a ninguém. A pessoa pode ter a situação financeira boa, pra mim não importa. Eu quero mesmo é passar adiante o que aprendi. Já tive de uns 30 alunos pra lá. Alguns hoje estão na Bahia, em São Paulo. Tem um senhor chamado Genaro que passou um ano e pouco aqui e agora tem uma escola de luteria no Mato Grosso do Sul, vende instrumentos eruditos para o Brasil todo”, orgulha-se.

Na oficina simples da Ladeira do Açogue, um aprendiz de luthier leva pelo menos seis meses para concluir o primeiro instrumento. “Logo no início, o ruim é amolar e manusear a ferramenta. Às vezes acontece acidente aqui, com os meninos aprendendo, mas depois que pega intimidade fica mais fácil. Instrumentos populares, que são feitos de madeiras mais planas, o aluno consegue fazer com menos de um ano. Já um instrumento erudito, mais esculpido, é de um ano pra lá”, explica o professor.



# N

## autimodelismo e pintura: a arte de Passos e suas facetas

Predestinado a transformar em arte tudo o que faz, Passos, além de luthier, é nautimodelista e artista plástico. Aprendeu as técnicas de construir miniaturas de barcos com o pai, a exemplo da marcenaria. Já o dom de pintar paisagens em óleo sobre tela nasceu com ele. “Não fiz curso não, entendeu? Mas vendi uns quadros que deu pra inteirar e comprar essa casa ‘véia”, aponta para a oficina da Ladeira do Açougue.

Passos começou a pintar ainda jovem, antes mesmo de aprender a lidar com instrumentos de cordas. “Só que eu não levei a sério, porque não dava pra viver na época. Aí parei, fui fazer móveis com meu pai, mas sempre que tinha um tempo livre eu pintava. E até hoje pinto. Todos os meus quadros são vendidos”, assegura.

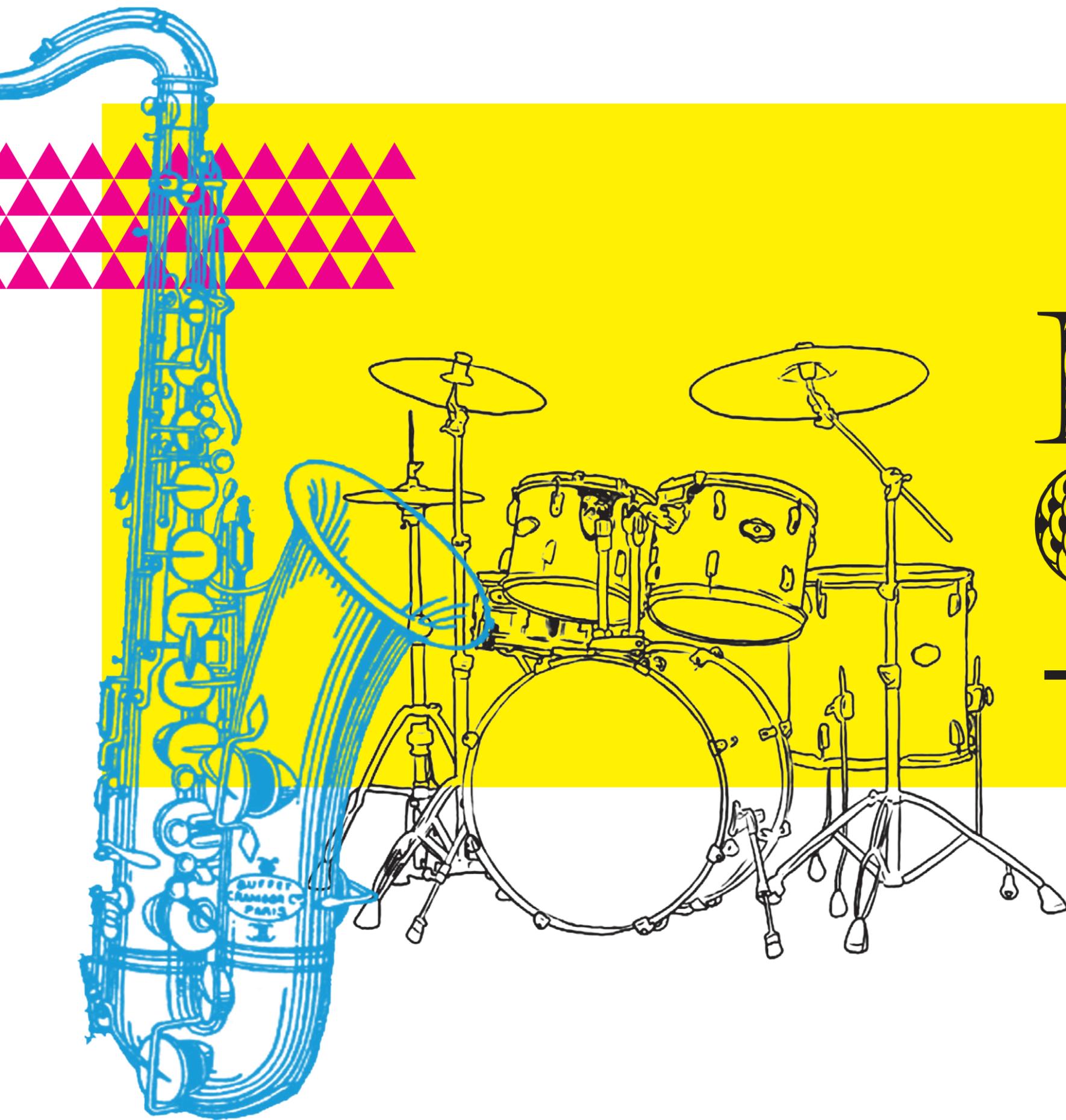
Já o interesse pelo nautimodelismo foi aguçado após um convite feito pelo Iphan para ministrar um curso em São Cristóvão. “Em 2015, depois que eu fiz um barco de se-

te metros, fui chamado para ministrar uma oficina. As embarcações dos meus alunos continuam expostas na Casa do Iphan. Tem também uma réplica do submarino alemão U-507 no Museu da PM. Esse submarino afundou navios na costa sergipana durante a Segunda Guerra Mundial, daí surgiu o cemitério dos naufragos”, conta.

Agora Passos prepara uma exposição de embarcações. “Vou fazer um tototó, um bem imaterial do nosso Estado; a canoa de tolda, lusitana, tombada como patrimônio – aquela que passou na novela Velho Chico –; o navio gaiola, que chamavam de gaiola encantada; o Marcílio Dias, considerado por muito tempo o principal navio da Marinha. Então eu tenho réplica desses barcos tudinho pra fazer. Uns 15 trabalhos. E ‘tô’ fazendo”.

Com tanta vontade de produzir arte, Passos desconversa quando o assunto é parar de trabalhar. “Enquanto tiver com saúde, a gente vai tocando o barco”. **C**





# LOS GUAR -ANIS

Juliana Almeida

## Os reis de baile

A década de 1960 foi *sui generis* para o mundo sob vários aspectos políticos, econômicos, realizações de projetos culturais, alternativos e, principalmente, musicais. É nos anos 60 que o rock no Brasil recebe o nome de lê, lê, lê. O movimento intitulado Jovem Guarda, encabeçado por Roberto Carlos, Erasmo Carlos e Wanderléa, dá aos adolescentes um espaço importante no cenário cultural.



Formação de 1966

*“Bahia e Sergipe ficaram pequenos para a Los Guaranis. Já com cerca de vinte integrantes, entre músicos, pessoal de apoio e empresários, a orquestra começou a viajar pelo país”.*

Ano de 1963. Diante de tantos acontecimentos históricos na política mundial, no esporte, foi o ano que marcou uma efervescência musical onde os Beatles chegam pela primeira vez ao topo da parada britânica, com a canção *“Please Please Me”* e o Brasil perde um dos seus maiores compositores, Lamartine Babo, autor de famosas marchinhas de carnaval e hinos de clubes tão representativos como Flamengo, Vasco e Botafogo. A juventude da época se divertia ao som dos bailes em clubes e as emissoras de rádio traziam os sucessos de todos os lugares.

Foi justamente o rádio que alimentou o desejo de adolescentes que participavam da Lira Nossa Senhora da Piedade, na cidade de Lagarto, distante 75 km de Aracaju, de formar uma banda para se divertir e interpretar os clássicos dos grandes mestres de orquestras americanas como *Ray Conniff*, francesas como *Paul Mauriat* e o brasileiro Ed Lincoln,

cujas músicas ao piano eram modas nos bailes da época.

Eram amadores e tocavam para se divertir. Com poucos instrumentos – essencialmente de sopro que pegavam emprestado da Lira - se inspiravam no que ouviam nas emissoras de rádio para formar um repertório e se apresentar em pequenos bailes em Lagarto e outras cidades sergipanas como Itabaiana. Desde cedo já cruzavam as divisas da Bahia para se apresentar em cidades como Adustina, Cícero Dantas e Paripiranga.

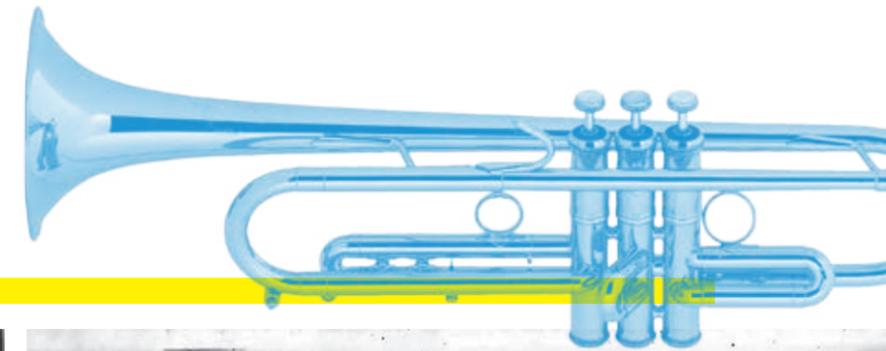
Em 1967 entra no grupo João Bosco de Oliveira para ser guitarrista e logo acaba se tornando empresário da banda. Viajou para São Paulo e trouxe na mala teclado e acordeom para incrementar o repertório. No início o nome da orquestra era apenas *“Conjunto Guarany”*, referência a uma das mais representativas etnias indígenas das Américas. Como se tornou Los Guaranis? Pra ficar “na moda”. “Na-

quela época tinham conjuntos chamados ‘Los Românticos’, ‘Los Mexicanos’ e ‘Los Mariachis’, então resolvemos mudar para Los Guaranis para chamar a atenção”, explica Bosco.

Inicialmente apenas com músicas instrumentais, Los Guaranis começa a expandir suas apresentações para os clubes de Salvador. Com um repertório mais exigente, logo vem à necessidade de colocar um cantor. Mas não podia ser qualquer cantor. Além da boa voz, tinha que ser bonito e ter presença de palco. O primeiro cantor foi Boaventura ainda no final dos anos 60, depois vieram Alceu Monteiro, Roberto Alves, Petrúcio, Adalvenon... os clubes de Salvador eram os principais objetivos. Inicialmente foram o Plataforma, Clube 6 e Piripiri. Não eram ainda os clubes mais famosos, mas foram suficientes para que a Los Guaranis conquistasse um público baiano cativo já nos anos 70. As rádios Excelsior e

Sociedade da Bahia divulgavam amplamente os bailes que lotavam. No repertório havia música brasileira, americana, cubana, tudo que era sucesso. “Começamos a expulsar as bandas que tocavam nos clubes. Todos queriam Los Guaranis. Tocamos em todos os clubes de Salvador, do pior ao melhor”, lembra Bosco.

Bahia e Sergipe ficaram pequenos para a Los Guaranis. Já com cerca de vinte integrantes, entre músicos, pessoal de apoio e empresários, a orquestra começou a viajar pelo país. Apresentou-se nos nove estados nordestinos. Chegava a fazer 10 shows por mês. A elegância dos músicos chamava a atenção. Nos bailes, as apresentações eram impecáveis e difícil era ficar parado. O aposentado Francisco Machado, 68 anos, morador de Lagarto, lembra que começou a acompanhar a Los Guaranis aos 21 anos (idade permitida para ir aos bailes desacompanhado dos pais), nos bailes “grá-finos”, como diz, nada se com-



Apresentação em 1970



Início da década de 80



parava à qualidade da orquestra. “Quando vejo essas orquestras famosas na televisão, logo penso: ganhar para a Los Guarani tá difícil”, destaca.

### Carnavais

Nos anos 80 e 90, os músicos da Los Guarani também foram os reis do carnaval de clubes de Aracaju. Era difícil conciliar a agenda com tantos bailes. Foram muitos anos consecutivos nos carnavais do Vasco, Associação Atlética de Sergipe e Iate Clube de Aracaju. Multidões ficaram até o sol raiar ao som das mais famosas marchinhas de carnaval. Foram tempos em que os clubes eram os principais locais da folia de momo. Sejam nos bailes noturnos ou nas famosas matinês, crianças e adultos aproveitavam os quatro dias de pura alegria.

O músico Reinaldo Prata, segue a Los Guarani desde os anos 60. Acompanha

inclusive os ensaios. Ele se intitula fã número um e relembra a importância do carnaval na popularidade da orquestra. “Quando a Los Guarani ia receber o dinheiro do carnaval, já estava contratada para o próximo ano”, ressalta.

### Artistas famosos

Não demorou muito para a Los Guarani chamar a atenção de artistas nacionais. As apresentações abriam shows de estrelas da música brasileira como Roberto Carlos. Só com o rei foram três apresentações. Uma das mais marcantes é lembrada por um dos fundadores e ainda tocando na orquestra, Osman Carvalho. O ano era 1974. O Tênis Clube do município de Feira de Santana, na Bahia, ficou pequeno para uma apresentação memorável de Roberto Carlos, com o show de abertura da Los Guarani. Depois do show visita ao

camarim do rei com muitas fotos e boas conversas. “Sem dúvida esse foi um dos momentos mais importantes e marcantes da nossa carreira. Fomos elogiados pelo rei”, relembra emocionado Osman.

A rica trajetória da Los Guarani traz shows acompanhando grandes nomes da música popular brasileira. Cito alguns com enorme risco de muitos ficarem de fora: Silvio César, Nelson Ned, Sérgio Reis, Antônio Marcos, Wanderley Cardoso, Jerry Adriane, Fagner, Cláudio Fontana. Chegaram a fazer uma *tournee* de quinze dias – de Pernambuco à Bahia - acompanhando Benito di Paula, Perla e Alcione. Os artistas mandavam os discos e a orquestra sergipana ensaiava o repertório. Quando as estrelas chegavam já estava tudo pronto.

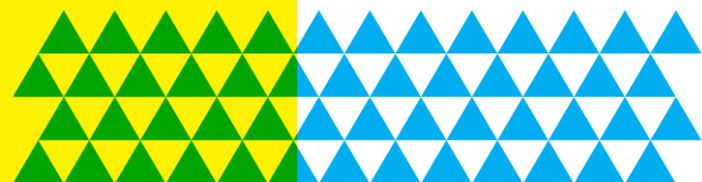
*“O baile de quatro horas da Los Guarani agrada gente de todas as idades. Não é à toa que seu slogan é ‘Música de todas as gerações’”.*

### 50 anos depois

Não só de um passado glorioso vive a Los Guarani. Claro que com o passar do tempo a orquestra acompanhou as mudanças de estilos musicais e de público.

O baile de quatro horas da Los Guarani agrada gente de todas as idades. Não é à toa que seu slogan é “Música de todas as gerações”. Das tradicionais músicas americanas, cubanas, mexicanas e da jovem guarda brasileira aos mais novos sucessos do forró, axé e arrocha.

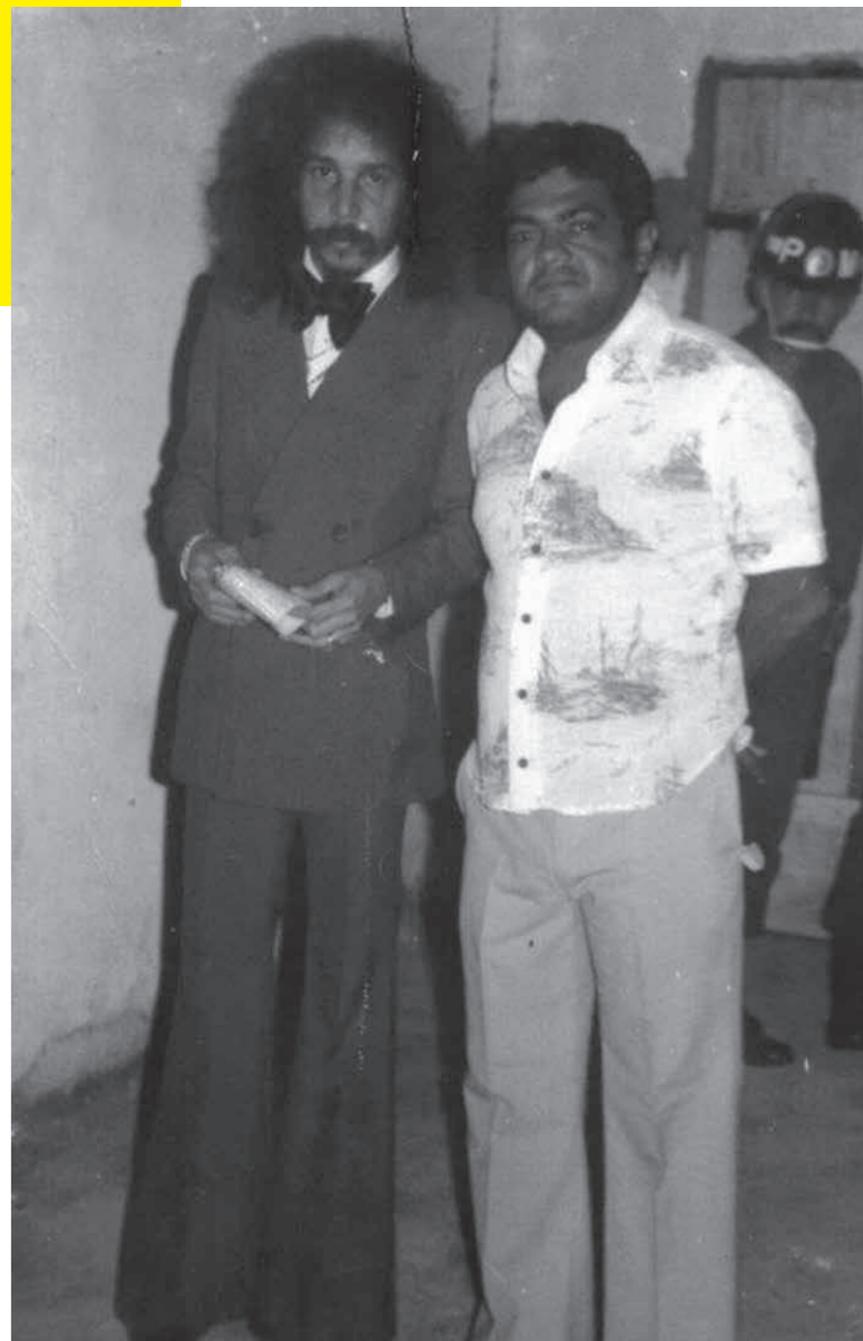
Também com uma nova geração de músicos, a orquestra se renova, se atualiza e continua a fazer sucesso com um público fiel e conquistando novas platéias. Faz ensaios semanais para manter um reper-



*“Das tradicionais músicas americanas, cubanas, mexicanas e da jovem guarda brasileira aos mais novos sucessos do forró, axé e arrocha”.*

tório impecável. Ainda hoje grande parte das apresentações acontece na Bahia. Da orquestra original estão ainda na ativa Cícero, Osman, Foguinho, Queimadinho e Alexandre. João Bosco, que nos recebeu no escritório da banda com muitas fotos memoráveis e premiações recebidas, não mais acompanha os bailes, tem a função de empresário.

O entusiasmo de quem já acompanhou ou ainda acompanha os bailes da Los Guaranis é impressionante. Na cidade de Lagarto, a orquestra já é um patrimônio. Difícil encontrar alguém que nunca tenha ido a um baile dançar. Assim como é difícil “ficar sentando quando a Los Guaranis toca”, como bem disse o fã Reinaldo Prata. A história conta que ele tem toda razão! **C**



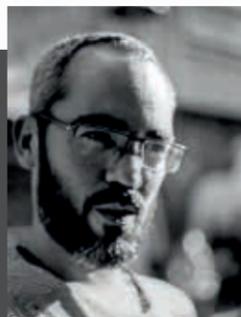
Bosco e o cantor Benito de Paula



Sicero e Roberto Carlos na década de 70

## POESIA

# BRUNO PINHEIRO



Bruno Pinheiro nasceu em Recife, em 1981, no Hospital da Polícia Militar. É revisor de texto profissional e jornalista formado pela Universidade Federal de Sergipe. Costuma escrever em bares e bancos de praça — mais em bares que em bancos de praça. Publicou pouco em vida, mas como está vivo, organiza seu primeiro livro, que se chamará “Yezo”. Anos atrás, arremessou o coração em direção ao Oriente e, assim, prefere escrever sobre paisagens internas, silêncios e naturezas vivas.

### PONTE

Ela é uma bruxa.  
Viu o futuro e me disse:

Nós construímos esta estrutura fantástica.  
Em cima, embaixo, por todo lado.

Erigimos escolas de liberdade e amor,  
dispusemos as casas segundo as Linhas de Ley,  
a acupuntura da Terra.  
Cidades verdes, legislações avançadas,  
um novo conceito de saúde.  
Ultrapolimos as engrenagens da política.

Esta grande obra tinha como objetivo  
nossa transformação mais profunda,  
a resolução do problema do Ser Humano  
sobre a face deste planeta,  
em relação com ele,  
em relação conosco.

Mas não, amigos.  
Não adiantou.

Esta estrutura fantástica,  
exterior a nós e nossa criação,  
não poderia nos resolver.

Os sistemas políticos,  
as leis,  
as instituições,  
a educação,  
a tecnologia,  
a lâmina do pensamento.

Nada disso funcionou.

Ela me disse:  
não virá de fora.  
A única revolução possível é psicológica.

### ESTRELAS

Há estas velas, e elas  
se entendem pessoas.  
Consomem-se ao vento  
e restam cera.

Há essas pessoas, e elas  
se percebem fogueiras.  
Em vez de ceder sua luz,

queimam madeira.

### KÁLIKÁ

Esquenta o aço,  
olha em redor.  
Sentada na morte,  
a Deusa do Espaço.

Todos aqui perguntam:  
“que cabeça, minha senhora,  
arrancarás antes da minha?”

Não pergunto nada.  
Que me importa a ordem?  
Sei muito bem ser eu  
a própria vida.

### SÃO JOÃO

Eu junho sem cuidado onde piso.  
Dança, passo feito som  
— não é isso?  
Não, não me solte.  
Neste tempo, faço minhas suas voltas.  
É uma certa curva, e aí me acho.

A dança  
é o gozo  
do espaço.

### ESSE VAPOR

Estes velinhos chineses  
moram aqui, entre duas vértebras.  
Às vezes se beijam,  
às vezes esquecem.  
São, de fato, chineses.

O que dizem, não sei.  
Como eu, incompreensíveis.  
Né, a palavra não diz de nós.

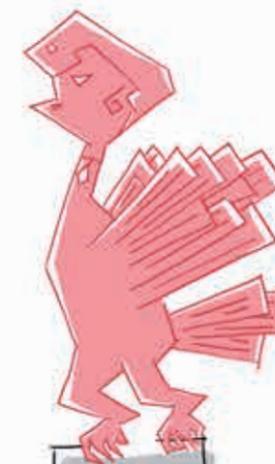
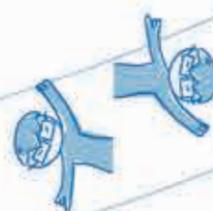
Mas o que eles fazem de mim  
é o mais profundo  
— e arroz.

### JANEIRO

Arqueou o peito esta ave estranha.  
Sem pena, sem bico, sem asas.  
Um pássaro sem ideias.  
Assemelhava-se mais a um livro.

Arqueou o peito como se fosse voar,  
mas, claro, não conseguiria.  
Não por lhe faltar asas, coisa à toa,  
mas porque pássaro, para voar, não se  
prepara

— apenas parte e voa.



## POESIA

# Francisco Pippio



Francisco Pippio, nasceu em Graccho Cardoso – Sergipe. Professor de Sociologia da rede estadual de ensino de Sergipe, é bacharel em Direito e bacharel e licenciado em Ciências Sociais. Autor do livro de poemas *As Cidades*, Editora 7 Letras, 2006 e do livro infantil *Cutucando a onça com vara curta*, Cortez Editora, 2016. Premiado no Concurso de Contos e Poemas Manuel Bandeira, do Centro Acadêmico de Letras da Universidade Federal de Sergipe - UFS, em 1997 e nos Concursos Literários Santo Souza de Poesia, 2003 e Núbia Marques de Contos, 2004, da Secretaria de Estado da Cultura de Sergipe.

### ODE À CHUVA

Somente a chuva fazia  
desfaltar as ausências  
dos dias desalegres de estio  
de nossa meninice.

Quando a gente  
esperava o inverno  
não esperava água, apenas.

E havia sempre  
um enorme prazer  
na incerteza dessa espera  
que se multiplicava no lombo das formigas  
que se abasteciam das minguadas  
palhas verdes de capim,  
prevendo o tempo de desestio.

Quando a estação do inverno nascia,  
(ela nascia primeiro roncando  
em nossos peitos),  
o céu se emborcava  
e a chuva papocava nos telhados  
das casas que sofriam de abafação.

Até que muito depois  
uma nesga de sol surgisse  
das mãos de nossas mães  
que estendiam seus arco-íris de chita  
nas janelas dos quintais.

### HORIZONTE

Onde estiveste de manhã  
que não viste o sol, na crista do galo,  
avermelhar o horizonte?

Bem assim, por que  
não acordaste quando  
o canto alvar do galo ecoou,  
apesar de não sabermos onde?

O sol, feito lâmina afiada  
afastou-nos o galo,  
mas por hora basta-nos  
que o horizonte esteja lá.

### PROBIDADE

Nasci pedra  
e, principalmente,  
vivi pedra,  
apesar do furtivo rio  
de imponderável água mole.

### CAVALO DE PAU

O cavalo de pau insone enviou-se  
até se postar de frente para a lua.

O cavalo de pau encarava a largueza do mundo  
com um olhar aguado  
de quem julgava que se desarborizou por  
punição.

O cavalo de pau se desimportou  
com São Jorge montado em seu cavalo branco  
no desenho prata da lua.

Ao cavalo de pau interessava apenas  
que a lua fosse vista pela coruja  
que mora no marmeleiro que o pariu  
e que havia lhe emprestado os olhos.

### DESPEDIDA

Do amor que me desacompanhou  
na partida, nenhuma falta.  
Porque o amor permanece no depois.

É da aridez do abandono, erguido  
entre nós como parede chapiscada  
escorando o rosto, que me queixo.

É da garapa do beijo,  
que não me lambuzou,  
que padeço.

### MODO DE FALAR ÀS COISAS

Desaceitando vaqueirar vacas  
José quis ser vaqueiro de borboletas.  
As borboletas viviam ocultadas  
em suas ausências de verão  
e não aceitaram ser atangidas feito vacas.  
José encasquetou de vaqueirar as casas  
que descansavam acocoradas no morro  
com suas paredes indesatavelmente azuis  
e de madeira bruta descabida nos portais.  
Mas as casas desaceitaram  
o laço desavizinhador.  
José, então, se encegou no tanger  
das palavras devolutas recolhidas na rua.  
As palavras, descompromissadas  
de protocolos, se desimportavam com o  
modo extraordinário de José falar às coisas.



## 🎭 O Corcunda de Notre Dame<sup>†</sup>

Teatro musical de Sergipe

Lindolfo Amaral

para o Brasil

O menor Estado brasileiro tem as suas ousadias no campo das artes. Além de ter o mais antigo grupo de Teatro de Rua do país, que influenciou o surgimento de dezenas de coletivos em diferentes regiões, tem também uma companhia dedicada ao teatro musical. Trata-se da “Companhia das Artes Tetê Nahas”, que em 2014 fez a sua primeira turnê, com o espetáculo “O Corcunda de Notre Dame”. Texto original do escritor francês Victor Hugo, publicado em 1831. Pois bem, nos últimos anos grandes produções têm ocupado as principais casas de espetáculos do Rio de Janeiro e São Paulo, para apresentarem musicais que estão em cartaz na Europa e nos Estados Unidos.



Tetê Nahas resolveu ousar, criou uma companhia em Aracaju para enveredar por esse caminho, excursionar pelo interior sergipano e por algumas capitais brasileiras.

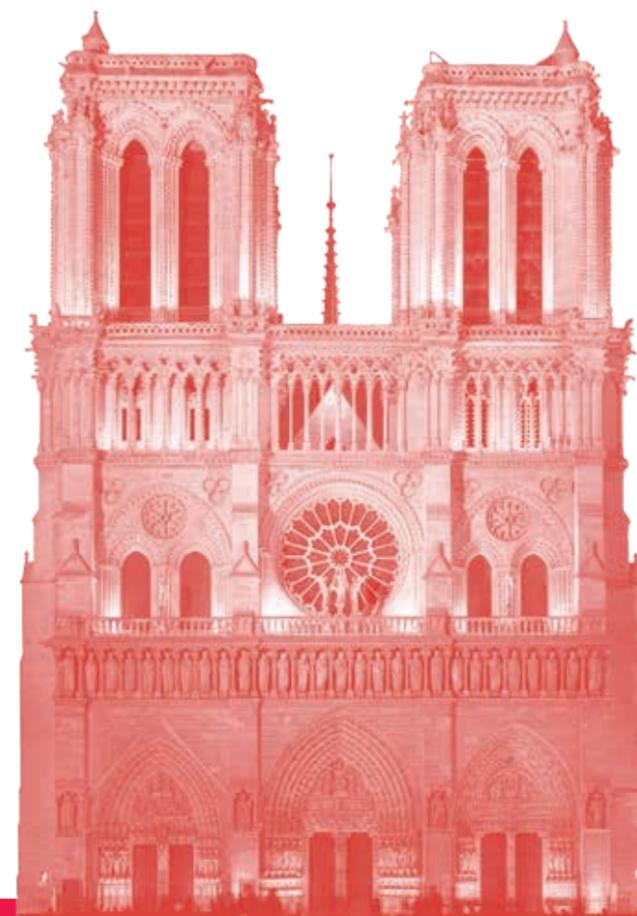
A “Companhia das artes Tetê Nahas” foi fundada em 2012, com o objetivo de montar espetáculos musicais. E o seu primeiro trabalho, “O Corcunda de Notre Dame”, teve sua estreia em dezembro daquele ano, no Teatro Tobias Barreto. Com cerca de vinte e cinco integrantes. O espetáculo surpreendeu a todos pela qualidade da sua produção. Cenários gigantes, figurinos e maquiagens impecáveis, interpretações cuidadosas e coreografias simples, mas eficientes. O texto,

adaptado pela própria Tetê Nahas, conta a história ocorrida na idade média e tem como cenário a catedral de Notre Dame, localizada nos arredores de Paris. Quasímodo, um corcunda que mora enclausurado, desde a sua infância, nos porões da igreja, certo dia decide sair da escuridão e conhece Esmeralda, uma bela cigana, por quem se apaixona. Mas para conseguir concretizar seu amor terá que enfrentar o poderoso Claude Frollo e seu ajudante Fobo. Toda a trama é pontuada por músicas e coreografias.

Em 2013, Tetê Nahas resolveu inscrever o espetáculo no edital de teatro Prêmio Myriam Muniz, da FUNARTE, a fim de excursionar pelo país com a sua

companhia e alcançou o seu objetivo. O projeto foi selecionado para ser apresentado nas cidades de São Paulo, Rio de Janeiro, Maceió e Recife. E assim aconteceu. Em 2014, a companhia realizou a turnê que foi aplaudida pelo público. Esse fato seria comum se fosse uma produção do Sudeste. Mas, trata-se de um grupo sergipano que resolveu enveredar pelos caminhos dos grandes musicais, experiência ímpar na história do nosso teatro.

A Companhia também foi convidada pelo Governo do Maranhão para apresentar-se no secular Teatro Arthur Azevedo, dentro da programação da Semana de Teatro de São Luís, em 2014. É mais uma prova da repercussão do





trabalho de Tetê Nahas que tem longa trajetória no teatro sergipano, iniciada na infância, no final da década de 1970, quando participou do Grupo Check Up, do saudoso Diretor Bosco Scaffs. Foi uma das fundadoras do Grupo Imagem, idealizado por Cícero Alberto, na década de 1980. Participou também, do Grupo Asas de Teatro, dirigido pelo baiano Paulo Barros. Teve sua maior experiência no Grupo Imbuauça, onde permaneceu 17 anos, atuou em vários espetáculos e excursionou pelo Brasil e exterior. Vale destacar o trabalho realizado sob a direção de Mariano Antônio, em 1995, na montagem de “Antônio meu santo”, texto

de João Augusto, adaptado por Valdice Teles. A personagem Urânia, marcou definitivamente a carreira de Tetê Nahas e a tornou reconhecida pelas aparições em vários programas de TV. A montagem dirigida por Ivaldo Bertazzo, em 1999, “Além da linha d’água”, em que contracenou com Marília Pêra, ao lado dos seus companheiros do Imbuauça, foi outra grande experiência.

Hoje, Tetê Nahas, formada pela Universidade Federal de Sergipe, em Licenciatura de Teatro, prepara mais uma produção com a sua companhia. E dentro em breve, os palcos serão invadidos por mais um grande musical. **C**



## Gilson Cajueiro de Holanda

João Augusto  
Gama da Silva

### uma lembrança

José Borba Pedreira Lapa havia sido juiz-auditor da Sexta Região Militar, em Salvador. Em 1969, no período mais duro do regime militar, era advogado de presos e processados políticos na auditoria militar, na Bahia. Capaz, conciliador, Borba sabia transitar em um ambiente sombrio, cheio de armadilhas. Fui apresentado a ele por Viana de Assis.

José Borba era meu advogado na auditoria militar de Salvador, no processo que respondia com diversos companheiros por “agitação no movimento estudantil em Sergipe” e me pediu que conseguisse algumas declarações escritas de pessoas de projeção social, dizendo que eu não era perigoso ao regime

militar, para usar quando das “alegações finais”.

O casal Manoel e Lurdes de Holanda e os filhos chegaram em Sergipe em 1952. Manoel e Lurdes vinham de Santo Amaro da Purificação, na Bahia. Químico dos mais conceituados, Dr. Holanda como era conhecido, pertencia aos quadros do IAA (Instituto do Açúcar e do Alcool) e fora transferido para Sergipe. A família chegou completa. Ou quase. Aqui em 1953 nasceu Maneca. Gilson Holanda chegou em Sergipe no início da sua adolescência. Nascido em 24 de outubro de 1939. Estudou, como todos os seus irmãos e irmãs, no Colégio Tobias Barreto, formando-se em ciências econômicas em 1963.

Em 1970 Gilson Holanda era o secretário da fazenda do estado de Sergipe no governo de João Garcez que, em um mandato-tampão concluía o governo de Lourival Batista que havia renunciado para concorrer ao Senado Federal. Cheio de receios para não criar constrangimentos, procurei Gilson, na secretaria da Fazenda, no edifício Walter Franco para lhe pedir uma declaração que me conhecia, atestando a minha “boa conduta”. Disse-lhe que compreenderia se houvesse problema. Ele apontou para uma máquina de escrever dizendo que eu fizesse a declaração com eu achasse conveniente que ele assinaria. E assim o fez. Eu tinha passado por diversas negativas. Até de pessoas que, na minha visão de jovem, não teriam problema em me fornecer as tais declarações. Eram tempos difíceis, tempo de medo e solidão.

O processo que eu respondia por “atividades subversivas no movimento

estudantil em Sergipe” estava na pauta para julgamento. O regime havia endurecido. No final de 1968 o regime militar edita um monstro jurídico, o ato institucional nr. 5. Em 1971 a auditoria militar de Salvador condena o estudante potiguar Theodmiro Romeiro à morte por fuzilamento pelo assassinato do sargento da aeronáutica Walder Xavier de Lima. As condenações nas auditorias militares de Salvador, Recife e Ouro Preto se tornaram rotineiras.

Em novembro de 1970, no domingo que antecedeu as eleições, a polícia federal passou na minha casa para me prender. Era uma tentativa de intimidar o MDB (Movimento Democrático Brasileiro). Não me encontrou. Passara o dia na casa de Marcos Melo com Benedito Figueiredo e Ariosvaldo Figueiredo, na av. Barão de Maroim. Naquela época Marcos Melo tocava violão. Não tinha ainda se dedicado ao sax. Preocu-



*Gilson Holanda, Angélica Valadão, Aparecida Gama e João Augusto Gama - 1970.*

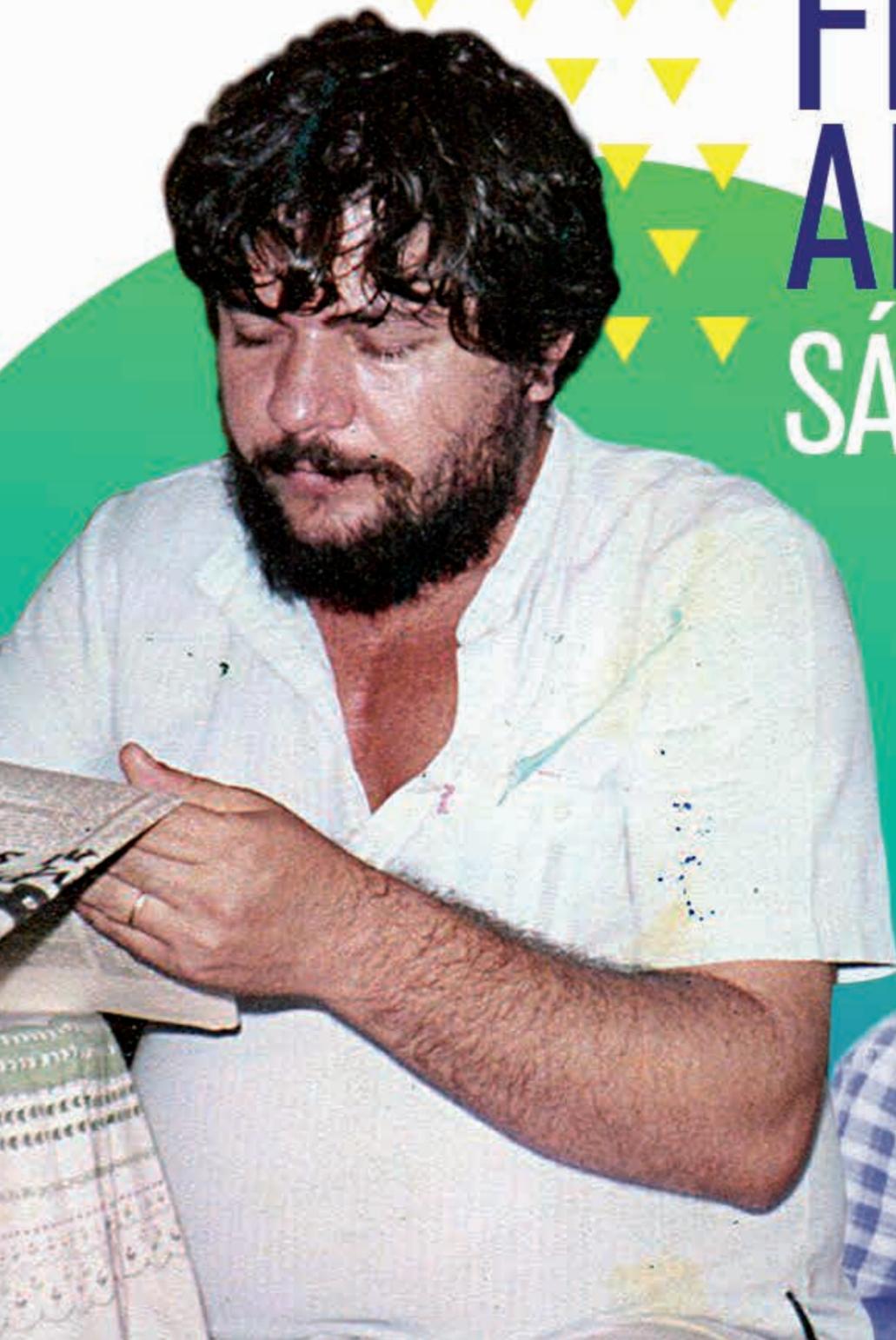
pado com a prisão procurei Gilson imediatamente disse que iria à polícia federal. Foi impedido por Jaime Araújo que ponderou, acertadamente que evitasse a exposição. Afinal, Gilson era secretário de estado. O próprio Jaime, cassado, em uma atitude temerária, foi até o órgão de repressão. O delegado lhe informou que não havia mais nenhuma ordem de prisão contra mim. Por via das dúvidas dormi na casa de Gilson Holanda. A repressão do regime militar funcionou. O MDB sofreu um massacre nas urnas. Em Sergipe, José Carlos Teixeira, o segundo candidato mais votado no estado para deputado federal não se elegeu.

Gilson Cajueiro de Holanda, sergipano nascido em Pernambuco, era um homem tranquilo. Solidário na nossa adversidade entendia a aflição que vivíamos. Exerceu com equilíbrio e sensatez os diversos cargos que ocupou. Foi professor universitário, economista, auditor e conselheiro do Tribunal de Contas de Sergipe, Secretário da Fazenda, Diretor

da Faculdade de Ciências Econômicas e Reitor da Universidade Federal.

Como economista de orientação cepalina, de Raul Presbich, acreditava na tese do crescimento econômico da América Latina pela famosa teoria da “substituição da pauta de importação”. O Brasil deveria começar a sair do modelo de exportador de produtos primários e fabricar aqui dentro, com capitais públicos e privados o que importava do “primeiro mundo”.

Discreto, recebeu quando Reitor a cidade universitária de São Cristóvão inaugurada com apenas a reitoria funcionando. Com grande esforço, transfere o Centro de Ciências Exatas e Tecnologia, instalando efetivamente o Campus Universitário. Com problemas de saúde afastou-se ainda com plena capacidade intelectual do serviço público. Foi uma pena. Tinha muito a contribuir. Sabia das potencialidades de Sergipe e acreditava que era possível fazê-lo crescer. Sua presença faz falta. **C**



# FERNANDO SÁVIO

*jornalista,  
intelectual,  
boêmio e  
amigo*

*Adiberto de Souza*



Nascido em Aracaju, Fernando Sávio Brandão de Oliveira morou em Penedo dos tenros oito meses aos 17 anos de idade. E foi naquela cidade alagoana, banhada pelo rio São Francisco, que ele teve o primeiro contato com o vírus do jornalismo. Coroinha, ajudou a celebrar missa em latim no Convento Nossa Senhora dos Anjos. Neste ofício juvenil, pôde manusear os livros do frei Libório, despertando logo o gosto pela leitura. Embora muito jovem, editou um jornalzinho, escrito a mão, que abordava o cotidiano penedense e circulava entre os amigos próximos. Uma enorme cabeça de galo ladeava a logomarca do periódico *Abra-xas*, palavra grega de significado místico no sistema gnóstico.

Uma das melhores definições sobre Sávio é do poeta e jornalista Amaral Cavalcante: “Gostava de ser chamado com todos os efes e erres, um nome de quatro costados como exigia sua imponente figura de brancuras europeias e olhar ultramarino. Caía-lhe sobre os ombros uma viçosa cabeleira de fios negros e sedosos, largados ao desalinho para acentuar a rebeldia que imperava nele todo. Grandão, malandro de conversa fácil e boa praça, Fernando trazia no peito uma marca inquietante: a enorme cicatriz que lhe deixara uma cirurgia coronária, riscando-lhe o tórax de cima a baixo, e que ele gozava prazer em mostrar, abrindo sempre a camisa até o

terceiro botão, o que o tornava mais notável entre nós”.

Quando retorna para Aracaju com os pais e irmãos, Fernando Sávio não tinha dúvida que seria jornalista. E dos bons. Começa a trabalhar como “foca” (era assim que os veteranos chamavam o repórter iniciante) no Jornal da Cidade, com a sede ainda localizada na rua Santo Amaro, quase em frente à Maçonaria. A partir de então, passou por todos os jornais da capital, trabalhando como repórter e editor. No prefácio do livro “Notas de Silas Pelapapa – crônicas de Fernando Sávio”, o jornalista Luciano Correia lembra que o amigo e compadre também trabalhou nas TVs Atalaia e Sergipe.

## Citado na UFBA

Luciano conta que Fernando brilhou no jornal A Tarde da Bahia, “onde pelejava com o editor-chefe Reynivaldo Brito, que nas aulas do curso de jornalismo da UFBA o apontava como modelo de eficiência”. Na crônica “Perdão, Luz Del Fuego”, Sávio lembra que em A Tarde “recebia um modesto salário de repórter, de maneira que era forçoso economizar o bastante para pagar o apartamento do Beco Maria da Paz, roupa lavada, transporte, essas coisas, e ainda sobrar dinheiro para as beberagens na Cantina da Lua”, reduto de jornalistas, músicos, boêmios e intelectuais.

Com Luciano Sávio, o filho

Na passagem pelo principal jornal baiano, Fernando também impressionou o jornalista sergipano Alberto Oliveira: “Ele tinha pelo menos duas qualidades: um texto exuberante e a humildade de aceitar modificações nele; e um defeito: foi jornalista 20 anos depois do que deveria ter sido. Escrevia respeitando as vírgulas, a concordância, lapidando o estilo, buscando as palavras certas e a ordem exata delas; o jornalismo de sua época, no entanto, começava a considerar tudo isso uma perda de tempo”.

E Alberto prossegue: “Em A Tarde, trabalhamos em editorias diferentes. Eu, em Economia; ele, em Cidade. No carnaval, no entanto, quando todas se fundiam porque a edição tinha um único tema – a folia, pude editar suas reportagens. Lembro de uma delas, em que narrava terem colocado uma fantasia (então conhecida como mortalha) na estátua do poeta Castro Alves. Troquei a legenda da foto para algo como ‘antes te houvessem rasgado na avenida que servires ao poeta de mortalha’, empréstimo deslavado de verso célebre do Navio Negreiro. Nunca esqueci da alegria de Fernando, pulando na Redação, por considerar que a edição havia valorizado

seu texto”, lembra Aberto, jornalista cariense radicado em Salvador.

### Salvo pelo texto

A irreverência era uma marca em Fernando Sávio. Segundo Amaral, “talvez porque nunca se importasse com as consequências do que fazia”. E o poeta tem razão. Certa feita, nosso jornalista se juntou a uma hippie e, depois de todos os goles e fumos, foram à penitenciária de Aracaju insuflar os policiais a soltarem os detentos, “estes pobres injustiçados”. Foram presos! O sargento que lavrou o flagrante propôs que os enquadrassem na Lei de Segurança Nacional. O coronel responsável pelo caso também achou uma insubordinação sem limite a atitude de Sávio, mas ponderou: “Só não ferro com você porque adoro suas crônicas na Folha da Praia”. Dito

isso, encerrou o Inquérito Policial Militar. Colega de Sávio na Gazeta de Sergipe e na Folha da Praia, o jornalista Carlos Magno diz que “ter convivido com Fernando foi um privilégio. Ele foi o cara mais inteligente e interessante que conheci na vida. Escrevia com estilo inconfundível, seu texto era deslumbrante,

*“O coronel responsável pelo caso também achou uma insubordinação sem limite a atitude de Sávio, mas ponderou: ‘Só não ferro com você porque adoro suas crônicas na Folha da Praia’.”*

não deixando nada a dever aos grandes da literatura, como Garcia Marques e João Ubaldo Ribeiro. Era um excelente editor e pauteiro. Um repórter completo, levantava tudo sobre a notícia e escrevia de forma objetiva e factual. Irreverente, possuía um humor cortante, mas era também um amigo doce e cativante, frisa.

Carlos Magno lembra de como terminou com Fernando uma noitada de boemia: “Na madrugada, o convidei para dormir no meu apartamento, que era vizinho ao escritório de um advogado trabalhista. Ali, desempregados faziam fila logo cedo para serem atendidos. Acordei às 8 horas, com dezenas de peões dando risadas. Deitado na sala, com a porta aberta para espantar o calor, meu amigo estava nú em pelo e roncava igual a um porco. A síndica, uma senhora de óculos fundo de garrafa, batia palmas bem forte para acordá-lo. Quando Fernando abriu os olhos, ela bufou: ‘Bonito isso, né, moço?’. Ainda



*“Era um excelente editor e pauteiro. Um repórter completo, levantava tudo sobre a notícia e escrevia de forma objetiva e factual. Irreverente, possuía um humor cortante, mas era também um amigo doce e cativante”.*

bêbado, ele apenas resmungou: ‘Ahhhh!’. Virou de lado e voltou a roncar bem alto. Pedi desculpas à síndica e fechei a porta”.

Segundo o jornalista Nestor Amazonas, Fernando não era um único ser. “Ele possuía vários personagens, talvez cópias dele mesmo, como no filme *Multiplicity*, que no Brasil se chamou *Eu, Minha Mulher e Minhas Cópias*. As cópias que habitavam Fernando se parecem, mas sempre há uma característica diferente que predomina. Assim vi e vejo Fernando Sávio. O corpo é o mesmo, mas mudam o olhar, o humor e a forma de viver a vida. Impressionava-me como o jornalista ácido, quase brutalizado por seus valores, se adocicava quando minha filha Nara, então com dois anos de idade, alisava a barba dele... Fernando se derretia, era ternura pura. Em todos, se destacavam a inteligência intensa, a disposição para o embate e o humor como arma ferina. Deixou saudades em todos eles, Fernando, o Sávio...”.

### **Candidato a governador**

No bar e restaurante Cacique Chá, localizado no centro de Aracaju e reduto de jornalistas, boêmios, empresários e políticos, funcionou o “comitê político” da

fictícia candidatura de Fernando Sávio a governador de Sergipe. O ano era 1986. Ao perceber chegando para almoçar o então prefeito de Capela, Zé da Bomba, nosso “candidato” o indagou: “Prefeito, sabe qual meu primeiro ato como governador?”. Diante da negativa do político, ele emendou: “Nomeá-lo secretário da Fazenda. E sabe qual será meu segundo ato?”. Ao ouvir um outro não, Fernando arrematou: “Exonerá-lo como ladrão”. Precisa contar a confusão que se formou?

A jornalista Ilma Fontes lembra que Fernando lhe contou “como fumou folhas de alface e curtiu o maior ‘barato’ só de pensar que estava de fato lombrado”. Eu sempre soube que Fernando Sávio bebia para ficar mais terreno, mais pesado, menos voador”. A propósito, ninguém melhor do que o poeta Amaral Cavalcante para fechar estas mal traçadas linhas sobre este inesquecível amigo, que morreu em 21 de maio de 1989, com apenas 35 anos de idade: “Fernando Sávio Brandão de Oliveira era, sobretudo, um boêmio consciente da sua genialidade, um homem emocionado com a sua própria capacidade de alumbramento, um escritor completo de bem humoradas convicções, um letrado de bem com a sua escrita e um amigo bom pra caralho”. **C**



João Batista L. e Silva



João Melo



Armando Domingues



Carloman Carlos Borges



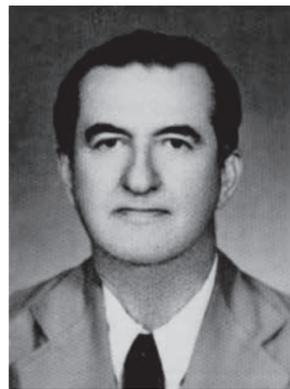
Austrogesilo Santana Porto



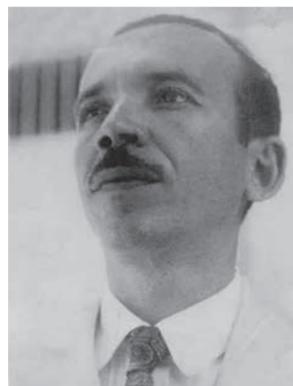
José Waldson O. Campos



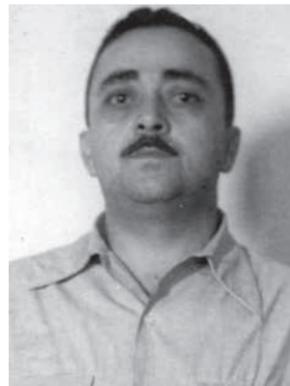
Fragmon Carlos Borges



Márcio Rollemberg Leite



Carlos Garcia

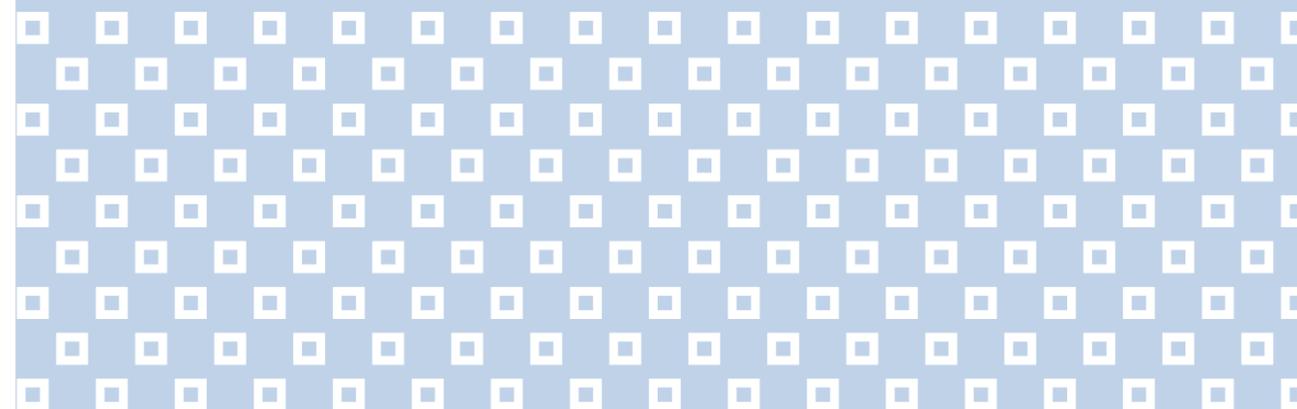


Renato Mazze Lucas

# imprensa popular comunista em sergipe

1949-1964

*Gilfrancisco*



A até hoje não se sabe nada sobre a origem e trajetória do Partido Comunista em Sergipe, os primeiros companheiros, as primeiras reuniões, as detenções ou prisões, o ano em que chegou aqui na província e se estabeleceu como agremiação política. Temos registro que alguns acadêmicos do Atheneu, Joel Silveira e Carlos Garcia, colaboravam na Voz Operária, órgão do Centro Operário Sergipano.

Nenhum dos membros do PCB, na época se interessou em registrar a data nem os nomes dos companheiros fundadores. Não há registros em jornais ou documentos até o momento descoberto. Na Bahia as ideias se afluam no início dos anos 30. Dois anos depois Carlos Marighella (1911-1969) ingressa na Juventude Comunista e participa de manifestações contra o regime autoritário e o interventor (cearense) Juracy Magalhães

(1905-1991) que inconformado com os versos de Marighella que o ridicularizavam, manda prendê-lo e espancá-lo na terra dos irmãos Gorender, Leôncio Basbaum, Mario Alves, Edison Carneiro, Maurício Grabóis, Ruy Facó, Milton Cayres de Brito, João Falcão, Diógenes Arruda e tantos outros dirigentes comunistas baianos.

Nos anos trinta as ideias comunistas e integralistas já estavam nas páginas dos jornais sergipanos, divulgadas através de artigos dos acadêmicos do curso de Direito da Faculdade da Bahia, Carlos Garcia (1915-1971), Sinval Palmeira militantes comunistas presos em 1935. Em 1937 é criada na Bahia a primeira revista comunista do país, **Seiva**, criada em 1937 e dirigida por João Falcão, onde colaboraram intelectuais sergipanos como Carlos Garcia e João Carlos Borges.

## A Verdade (1949-1951)

Orador da turma de formandos em dezembro de 1945 da Escola Técnica de Comercio - Sergipe, José Waldson de Oliveira Campos (1926), teve como colega o companheiro de luta Fragmon Carlos Borges que não se formou na mesma turma. José Waldson é o primeiro diretor de um jornal comunista que circulou em Sergipe, **A Verdade**, que sobreviveu com muitas dificuldades tendo seus jornalistas e operários presos por várias vezes e suas oficinas destruídas pela força policial do estado de Sergipe. Alguns colaboradores: Renato Mazze Lucas, Fragmon Carlos Borges, José Waldson, Carlos Prestes, Astrojildo Pereira

Na manhã do dia 7 de janeiro, numerosos policiais, inclusive investigadores, dirigidos pelo inspetor de segurança, invadiram as oficinas do jornal **A Verdade**, apreendendo a edição que devia circular em homenagem à data da Independência, além de ameaçarem de prisão jornalistas e operários das oficinas. O Correio de Aracaju, também registrou este atentado que culminou com a invasão da redação e oficinas do jornal:

“Esteve nesta manhã em nossa redação uma comissão de jornalistas de **A Verdade**, composta dos Srs. José Waldson, Fragmon Borges, José Rosa de Oliveira e Renato Chagas, para protestar contra as últimas violências da polícia culminadas ontem com invasão da redação e oficinas daquele jornal. Às 10 horas e meia de ontem, justamente quando o povo se preparava para comemorar as solenidades do Dia da Independência, cerca de 40 policiais, investigadores e soldados do Corpo

de Bombeiros, utilizando-se de viaturas da Prefeitura e do D.E.R., invadiram a redação e oficinas do jornal, apreendendo a sua edição especial que devia circular naquele dia. De arma em punho, num acinte de violência, os policiadores praticaram toda sorte de arbitrariedade, ameaçando mesmo depredar as oficinas e máquinas daquele órgão da imprensa sergipana. A brutal agressão da polícia incomodou, inclusive, o sossego da vizinhança, que foram tomadas de pânico, sob a ameaça de terem as suas casas revistadas pelos desordeiros policiais”.<sup>1</sup>

Segundo o que foi apurado os prejuízos montam a mais de Cr\$300.000,00 e os membros da comissão, responsabilizam o Governo do Estado e o seu Secretário de Segurança por esses danos.

O jornalista do Sergipe-Jornal, J. Gusmão de Andrade publica o artigo **Os inimigos da Liberdade de Imprensa**, que assim inicia:

“Em terras sergipanas novamente a liberdade de imprensa está sob o arbítrio das autoridades policiais.

Repetem-se agora os mesmos atentados, as mesmas violências do passado estadonovista, quando eram crime e liberdade de pensar, falar e escrever.

Naquela época, durante o período intervencionista do Sr. Maynard Gomes, era Secretário de segurança o Sr. Manuel Ribeiro, sobre quem pesa ainda hoje, a responsabilidade da invasão e fechamento por longos dias, do Sergipe-Jornal e Correio de Aracaju.”

No final do mês de agosto de 1951 um grupo de investigadores, por ordem da

1 Correio de Aracaju. Aracaju, 8 de setembro, 1951.

Secretaria de Segurança Pública, do Estado de Sergipe, prendem dezenas de comunistas. O jornal **A Verdade** teve a porta arrombada por três ou quatro investigadores que, exorbitando da sua autoridade de lá arrancaram o seu diretor:

“Alguns foram presos e agarrados em plena Rua João Pessoa sem nenhum flagrante de atividade ilegal. Outros foram trazidos à Chefatura quando discursavam em ônibus coletivos, numa atitude, aliás, responsável porque, mesmo num regime em que se respirasse um clima de liberdade ideal, poderia suscitar a parte, discussões e tumultos com graves perigos para os passageiros, senhoras e trabalhadores que, cuidavam apenas de se transportar ao trabalho ou ao repouso.

É necessário que as autoridades compreendam os limites que separam a defesa da ordem e os direitos dos cidadãos inclusive de liberdade de imprensa (quer sejam comunistas ou não), como também os que os comunistas não confundam agitação da ordem com agitação de problemas que eles julguem necessário advertirem ou defender.

O que é que o povo não pode ser joguete de um e outro lado”.<sup>2</sup>

As perseguições continuam meses depois a Associação Sergipana de Ajuda à Imprensa Popular, dirige-se a todos para protestar contra os graves atentados à Imprensa democrática verificada em nosso Estado, que culminou com a bárbara depredação e incêndio da tipografia que imprime **A Verdade**, jornal profundamente ligado às lutas do povo

2 Gazeta Socialista. Aracaju, 1º de setembro, 1951.

sergipano: “pela paz, contra as guerras de agressões, e o envio de tropas brasileiras para a Coréia ou qualquer outra parte, por melhores dias para os trabalhadores e todo o povo”.<sup>3</sup>

A imprensa popular sergipana não se intimida com as constantes ameaças e continua enfrentando as dificuldades financeiras para mantê-la e recorre ao povo sergipano para conseguir recursos na compra de novos equipamentos gráficos. Contando com o apoio da Imprensa Sergipana, por uma imprensa popular e democrática, publica quase que diariamente apelos como este, “Cem mil cruzeiros para a Imprensa Popular”:

“Mais uma vez nos dirigimos ao povo sergipano, após os graves atentados sofridos pela imprensa democrática de nosso Estado por parte dos grupos dominantes, com que mandaram depredar e incendiar a tipografia onde era impresso o jornal popular A Verdade. Com o crescente perigo de guerra e agravação da situação de miséria e pauperismo das grandes massas populares, se torna urgente e inadiável a necessidade de fazer voltar à circulação os jornais que defendem realmente a paz e são os porta vozes firmes e – consequentemente dos operários, camponeses e de todo o povo, que lutam por alcançar dias melhores e mais justas condições de existência”.<sup>4</sup>

## Jornal do Povo (1945-1948)

Tendo iniciado a sua publicação no final do mês de novembro, o semanário

3 Sergipe-Jornal. Aracaju, 29 de setembro, 1951.

4 Sergipe-Jornal. Aracaju, 31 de outubro, 1951.

sergipano foi dirigido por vários jornalistas, começando pelo advogado Márcio Rollemberg Leite seguido pelo filósofo João Batista Lima e Silva e finalizando com o advogado Carlos Garcia. O periódico alcançou em edição de abril de 1946 uma tiragem de dois mil exemplares, caso raro para um semanário. A única coleção existente no Estado, pertencente ao acervo do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, encontra-se incompleta iniciando a partir do número 7, Ano I, 3 de janeiro de 1946 indo até o nº279, Ano III, 31 de dezembro, 1947.5 Foram muitos os seus colaboradores durante os três anos de existência, veja alguns: Austrogesilo Porto, Aluy-sio Sampaio, Armando Domingues, Astrojildo Pereira, Antonio Clodomir, Bonifácio Fortes, Camilo de Jesus Lima, Carlos Garcia, Franco Freire, Florival Ramo, Hugo Tavares, Hernane Prata J. Santiago, José Waldson Campos, João Batista Lima e Silva, Luiz Carlos Prestes, Mauricio Grabois, Márcio Rollemberg Leite, Monteiro Lobato, Néelson de Araújo, Pedro Pomar, Robério Garcia, Santos Moraes, Walter Sampaio e outros.

Fechado pela polícia em 14 de maio de 1945, o **Jornal do Povo** impetrou uma ordem de habeas-corpus ao Egrégio Tribunal de Apelação, tendo como ad-

5 Uma coleção bastante incompleta do *Jornal do Povo*, encontra-se na Hemeroteca da Biblioteca Epifânio Dória que inicia a partir do nº251, Ano II, 25 de abril, 1946, indo até o nº281, Ano III, 3 de janeiro, 1948.

vogado da defesa o militante comunista Carlos Garcia. O jornalista Paulo Costa, diretor do *Sergipe-Jornal*, contesta a invasão do jornal popular, através do artigo *Uma Medida Arbitrária*: “Tivesse o cuidado de verificar o registro do *Jornal do Povo* e logo se aperceberia, a polícia sergipana, que ele não é propriedade de nenhum partido político”.

*“Fechado pela polícia em 14 de maio de 1945, o **Jornal do Povo** impetrou uma ordem de habeas-corpus ao Egrégio Tribunal de Apelação, tendo como advogado da defesa o militante comunista Carlos Garcia”.*

O fechamento do *Jornal do Povo* mereceu um artigo brilhante e esclarecedor, publicado no *Correio de Aracaju*, provavelmente escrito pelo redator Carlos Garcia. Vejamos na íntegra:

“Somente nos regimes ditatoriais se amordaça o pensamento. A censura de imprensa e a suspensão de

jornais são medidas promovidas por autoridades prepotentes que não admitem crítica aos seus atos públicos, pois desejam governar a seu bel prazer, sem dar contas ao povo.

O Estado Novo, cópia fiel do fascismo da Itália de Mussolini, instituiu no país órgãos de compreensão, como o D.I.P., por exemplo, para que a imprensa tivesse tolhida a sua liberdade e perdesse o direito de criticar os atos das autoridades, de analisar os fatos á luz da verdade.

Aqui mesmo em Sergipe, tivemos por várias vezes ameaçados e fechados nos últimos dias da ditadura fascista, O **Correio de Aracaju** e o **Sergipe-Jornal**”.

Quando da reabertura do *Jornal do Povo* foi publicado esclarecimentos aos leitores e população em geral os moti-

vos das constantes perseguições por parte do governo:

“O fechamento do *Jornal do Povo* foi uma medida desesperada do pequeno grupo fascista que sonha o retorno de nossa Pátria à ditadura estado-novista e, principalmente, de serviços do Estado Novo enquistados no Governo do Sr. José Rollemberg Leite, que se prevalecendo de uma circular capciosa, inconstitucional e ilegal do ministro de chumbo Costa Neto, apressaram-se em ultrapassar as sugestões ditatoriais do Ministro da Justiça, a fim de fazer média perante o ditador Dutra e sua “entourage” de banqueiros e tubarões dos lucros extraordinários, a serviço do imperialismo ianque”.

Na reabertura do **Jornal do Povo** em 3 de junho foi publicado um pequeno artigo esclarecendo o fechamento do mesmo:

“Após quinze dias de fechamento arbitrário e ilegal, *Jornal do Povo* volta hoje a circular, fiel à sua linha de conduta de órgão da imprensa popular, fiel aos interesses do povo e da democracia, baluarte da defesa da Constituição que o grupo fascista, que tem à frente o general Dutra tenta liquidar”.

### **Época (1948/1949)**

*Época* (Mensário a Serviço da Cultura e da Democracia) tem rápida duração. Aparece o primeiro número em agosto de 1948, 32 páginas e o terceiro em janeiro de 1949. O periódico apresenta o formato de 27,5x18,5. Nos três números da revista, a capa não se apresenta uniforme e trazia impresso o preço de cada exemplar, de Cr\$2.00 (dois cruzeiros). Os

colaboradores que assinam produções em **Época**, a maioria são membros do Partido Comunista ou simpatizantes. Muitos deles haviam atuado no **Jornal do Povo**, dirigido por Walter Sampaio. A capa, de cor amarelada, desenho de Álvaro Santo sobre Monteiro Lobato é uma homenagem do pintor sergipano ao intelectual criador de *Jeca Tatu* e *Zé Brasil*, por sua luta em defesa do nosso petróleo e da independência econômica e política do Brasil.

Impresso na Tipografia Nacional – Rua S. Vicente, 86 – Aracaju, conforme anúncio publicitário, no número 2. O Expediente da revista era constituído da seguinte forma: Diretor (Walter Sampaio), Secretário (Néelson de Araújo), Redator (Fragmon Carlos Borges). Tinha como ilustradores (Álvaro Santo e Jenner Augusto). A redação da revista *Época* ficava à Rua de Laranjeira, 224, Ed. Santos, Sala 4 – Aracaju. Nos números subsequentes passou a funcionar na Rua Laranjeira nº87. No lançamento, já anunciava representantes nos Estados do Rio de Janeiro (Paulo de Carvalho Neto), Bahia (Walter Filizola) e São Paulo (João Menezes Campos). A partir do nº 2 ganhou mais uma representação no Estado de Santa Catarina (Renato Ribeiro).

O número inicial de **Época** abre-se com a Carta da Redação – Apresentação, apesar de não assinado é de responsabilidade do diretor, Walter Sampaio e trás os seguintes colaboradores: Walter Cardoso (Luta contra a fome); Walter Sampaio (Pablo Neruda); José Sampaio (Canto de Paz); Carvalho Neto (Forrobodó); Celso Oliva (Meu tipo inesquecível); apesar de não ter assinado e de autoria de Nelson de Araújo

jo (Monteiro Lobato- consciência de uma época); Aluysio Sampaio (Debret e a Sociedade Brasileira); Bonifácio Fortes (Negação); Márcio Rollemberg Leite (Evolução do Direito Moderno); Paulo de Carvalho Neto (Conto); Louis Aragon (Meu preço em Rentenmarx); Pintura – Jenner Augusto (não assinado); Benedito Cardoso (Olhos de Tísica); Rubem Vergara (Um teatro para Aracaju), além de várias notas sobre livros e acontecimentos culturais em Aracaju e na última página um indicador profissional, de advogados, médicos, dentistas, engenheiros civis e contadores.

A partir do nº 2, outubro/novembro de 1948, 46 páginas, há uma padronização da capa, apresentando uma grafia com tipo e corpo diferente no nome da revista (Época) e o número de cada publicação localizado na parte superior esquerda dentro de uma estrela de cor branca. Com expediente e sumário impresso no verso da capa. Colaboram neste número: Walter Sampaio (Tendência abstencionista no movimento dos novos); Garcia Moreno (Fumadores de Maconha); Alina Paim (Simão Dias); Fragmon Carlos Borges (O Petróleo e a União Nacional); Austrogésilo Porto (Angústia nos Rostos); Antonio Santos Moraes (Jovem poeta morto); Seixas Doria (Presidencialismo e Parlamentarismo); Rubem Vergara (Época entrevista Mário Brasin); Jorge Medauar (três poemas); Aluysio Sampaio (Um inquérito econômico em 1807); Carlos Montagne e Oscar Cornbit (Que é Jean-Paul Sartre?); Sindolfo Campos Sobrinho (A poesia continua); Jorge Amado (Sobre o Congresso de Wroclaw); Alves Ribeiro (A lição do mar); J. R. Oliveira Neto (Decadência em Hollywood).

Neste número Nelson de Araújo deixa de ocupar o cargo de Secretário em virtude de sua transferência domiciliar para Salvador, sendo substituído por Austrogésilo Porto. Ilustram a revista, Álvaro Santos, Reinaldo Siqueira e Jenner Augusto. Ainda neste número foi criada duas novas seções: Notícias Literárias, que informava sobre livros publicados e Notícias do Mês, informando acontecimentos diversos. A capa avermelhada do nº 2 é uma homenagem ao grande Candido Portinari “Criança Morta”, um grito de protesto da revista do nordeste contra o estado de penúria, abandono, fome e miséria em que vivem nossas populações sertanejas.

O número 3 de Época, lançado em janeiro de 1949, saía com apenas 20 páginas. Colaboram neste último número: Renato Mazze Lucas (Fome e Êxodo); Dalcídio Jurandir (A casa da Gentil); Walter Sampaio (Os intelectuais na luta pela paz); Armindo Pereira (A poesia em Marcha); Austrogésilo Porto, Ivan Fontes, Santos Souza, Eduardo da Fonseca Sobral (poemas); Paulo de Carvalho Neto (O garimpeiro); Fragmon Carlos Borges (A solução Dutra); Manifesto Pró-Paz (vários intelectuais) Aluysio Sampaio (Manuel Bonfim); Severino Uchoa (O jogo do bicho) e J. R. de Oliveira Neto (O cinema Nacional). Álvaro Santo, Reinaldo Siqueira e Jenner Augusto são os responsáveis pelas ilustrações, sendo que a capa de tom azul claro é assinada por Jenner.

### Folha Popular (1954-1964)

A única coleção disponível no Estado de Sergipe do periódico comunista

estudada encontra-se no acervo do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, cuja coleção inicia com o número 31, Ano II, 28 de maio de 1955 e encerra-se no nº448, Ano XI, 21 de março, 1964. Devido a sua longa existência, foram muitos os seus colaboradores: Alberto Santos, Artur Silva, Antonio Silva, Antonio Bittencourt, Antonio Correia dos Santos, Bonifácio Fortes, Célio Nunes, Clarêncio Fontes, Gondin da Fonseca, Iran Oliveira, Izaque Souza, J. Oliveira, João Batista Lima e Silva, José Almeida, Luiz Carlos Prestes, Nelito Nunes Carvalho, Nilo Carvalho, Nery Reis, Osmar Azevedo, Paulo Mendes, Raul Lima, Reginaldo Sales, Renato Mazze Lucas, Robério Garcia, Solon Cardoso e outros.

A Folha Popular tiveram como seus diretores, os jornalistas Fragmon Carlos Borges e Robério Garcia, militantes com grande experiência com a política partidária, pois haviam trabalhado no jornal **A Verdade**. Era comum os jornais da Imprensa Popular noticiarem em edição seguinte, os motivos da não circulação do dia anterior. Vejamos um esclarecimento do **Jornal do Povo**:

### Ao povo

“A edição do Jornal do Povo comunica aos seus leitores e povo em geral que este órgão deixou de circular ontem em virtude de estar praticamente interdito, sob coação policial, o que impediu a normalidade dos seus trabalhos.

Ao mesmo tempo em que faz esta comunicação, a direção deste jornal, diante de tão flagrante atentado a liberdade de

imprensa, aproveita a oportunidade para afirmar que continuará, com decisão e energia na luta em defesa da Constituição, da democracia e dos interesses dos trabalhadores e do povo.

Finalmente, a direção deste órgão manifesta a certeza de que o proletariado e o povo sergipano, compreendendo o papel que desempenha o Jornal do Povo nas lutas democráticas, intensificarão, cada vez mais vigorosamente ajuda a este jornal, bem como que, das fábricas e dos bairros, de todo o Estado, se levantará a voz de protesto de todos os democratas honestos - maneira prática de se lutar contra arbitrariedades dos prepostos estaduais da ditadura.

A direção”.<sup>6</sup>

O periódico comunista **Folha Popular** surgiu em dezembro de 1954 e circulou até o número 448, datado de 21 de março de 1964. Era um jornal dedicado para mobilização da classe trabalhadora, transmitindo informações políticas e econômicas no âmbito estadual e principalmente federal. Porta voz do PCB tinha sua redação e oficinas por volta de 1964 na Rua Professor Florentino Menezes, antiga São Vicente. Dentre os seus colaboradores estava o contista Renato Mazze Lucas, único a publicar livro pela Editorial Vitória, sediada no Rio de Janeiro, órgão divulgador das ideias comunistas no Brasil, responsável pela publicação de livros de autores comunistas, que edita em 1961 a obra do autor sergipano, intitulada **Anum Branco e outros contos**, ilustrada por Leonardo Alencar. 

6 Jornal do Povo. Aracaju, Ano III, nº 279, 31 de dezembro, 1947.



# JESUÍTAS

## Como vilões da História de Sergipe

*O antijesuitismo de Lima Junior*

Antonio Lindvaldo Sousa

Pouco sabemos sobre a presença dos jesuítas nos textos de História de Sergipe. As informações estão presentes em assuntos diversos, nos livros gerais da História de Sergipe e nos capítulos dedicados a determinados temas do passado sergipano. Felisbelo Freire, por exemplo, em 1891, refere-se aos jesuítas em Sergipe depois de uma breve introdução sobre esses religiosos no Brasil. Entende os mesmos como aqueles que “entraram com força poderosa da colonização, protegendo os índios, por meio de missões, com toda força, se espalharam pelo território brasileiro”. Esse termo “proteção” ganha outro sentido quando Freire se refere a esses missionários como sujeitos que desejavam implantar uma teocracia, infiltrando péssimos hábitos, explorando a mão de obra indígena e nas aldeias controlando a lavoura e o comércio.



No seu livro *História de Sergipe* reservou um capítulo que se refere aos mesmos com o título ‘Resultado das Questões de Limites e a Expulsão dos Jesuítas’. Esse capítulo possui 14 páginas. Só concede informações a eles nas páginas 195 a 197. Nelas destacam informações da transformação da missão de Geru em Vila, com a denominação de Nova Távora ou Thomar. Nessa mesma ocasião houve a expulsão dos jesuítas e o sequestro dos seus bens móveis e de raízes. Mas sobre esse acontecimento nada o autor escreveu. Somente confessou que “desconhece as peripécias do fato em Sergipe e o número de jesuítas que habitavam a companhia”...

Dois outros autores, Clodomir Silva e Lima Junior, apresentaram parte das informações que Freire não foi capaz de apontar na obra *História de Sergipe*, a respeito da prisão e deportação dos jesuítas. Clodomir Silva, por exemplo, no livro *Álbum de Sergipe*, elaborado para fazer parte das comemorações dos cem anos da independência de Sergipe, em 1920, dedicou um capítulo, o número VII, dando mais destaque a expulsão desses padres e a posse dos seus bens.

Nos anos de 1940 e na década de 1950 a escrita da História de Sergipe passou a contar com mais informações sobre a presença desses religiosos em Sergipe, incluindo o último ano deles no solo sergipano. Serafim Leite, por exemplo, de-

dicou espaço a presença desses inicianos em Sergipe em alguns dos dez volumes de sua obra *História da Companhia de Jesus no Brasil*; José Bezerra dos Santos publicou em 1955 *Tesouro de Jaboatão* e Aurélio Vasconcellos de Almeida escreveu *Vida do Primeiro Apóstolo de Sergipe: Pe. Gaspar Lourenço* na Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGS). Este último autor aborda os jesuítas numa perspectiva que mais se aproxima das obras de Leite e de Santos e se diferencia da versão apresentada por Freire, Silva e Lima Junior.

Lima Junior nos parece ser um dos mais significativos autores em Sergipe que nos permite conhecer uma versão sobre os jesuítas mais próxima da abordagem que os enxergam como “vilões”. Em *Capitães-mores em Sergipe - 1590 a 1820* acrescenta mais informações sobre o período colonial sergipano que Freire não apresentou. Todavia, trata-se de um trabalho inacabado, provavelmente escrito nos anos de 1920, na mesma data em que foi publicado o livro *Álbum de Sergipe*, de Clodomir Silva. Suponhamos que o autor não tenha tido tempo para finalizá-lo e publicá-lo por ocasião dos festejos da independência de Sergipe. O seu texto chegou ao grande público por intermédio da direção do Arquivo Público do Estado de Sergipe (APES), em 1985.

*Capitães-mores em Sergipe* é um livro de História político-administrativo. Busca

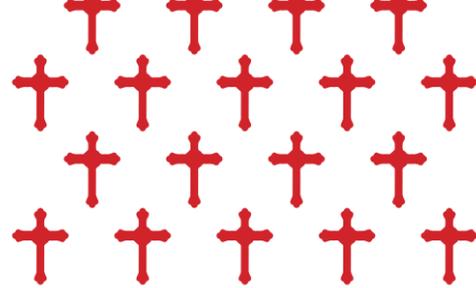
apresentar datas das nomeações e finalizações das administrações dos capitães-mores em Sergipe. Ao lado dessas datas, o autor faz anotações de fatos que considerou relevante da administração dos mesmos. Um dos fatos relevantes destacados aconteceu no ano de 1759, na administração do Capitão-Mor José de Mares Henrique. Nessa data houve a expulsão dos jesuítas. O autor se apropria da mesma como uma das mais significativa da história de Sergipe. Nesse seu destaque deixa transparecer a sua intransigência com os religiosos da Companhia de Jesus.

O sentimento de ódio aos jesuítas aparece de forma veemente nas páginas 53 a 55 do referido livro. Nelas o autor deixa pistas para percebermos a transformação desses religiosos como “vilões” do passado sergipano. Nessas páginas narra a prisão e a deportação dos mesmos como um único remédio para os males da sua época. A prisão deles resolveria muitos dos entraves da administração do período colonial, melhorando a administração do capitão-mor, vice-rei e da Coroa. Acabaria como o poder paralelo desses padres que se espalhava rapidamente pela colônia. O autor se refere a teocracia.

*“A prisão deles resolveria muitos dos entraves da administração do período colonial, melhorando a administração do capitão-mor, vice-rei e da Coroa”.*

Diz ainda que eles traziam “dossos-sego aos povos e flagelava a sociedade com os suplícios e as fogueiras da inquisição”. Fazia isto também usando *representação teatral do inferno e pelo confessionário, seu principal baluarte dessa empreitada*. Ainda segundo o autor, os mesmos “assenhoreavam os espíritos e exploravam todas as classes da sociedade em nome de Deus e em proveito da ordem”. O termo “assenhorar” é bem apropriado na representação dos jesuítas como *ave de rapina* que tem objetivo de dominar sua presa, de estabelecer o seu domínio naquele território.

“Ricos proprietários e gananciosos por lucros” são outros exemplos de termos que aparecem nas páginas 53 a 56 do referido texto. Os jesuítas são retratados como sujeitos interessados somente na riqueza, no aumento de suas propriedades em benefício da Companhia de Jesus. Lima Junior cita que os mesmos eram proprietários mais opulentos e poderosos da Capitania de Sergipe, tinham em suas mãos as principais fábricas e fazendas de açúcar. Esta riqueza estava espalhada pelo território, acrescenta o autor. Eles estabeleceram os pequenos conventos ou colégios em dois pontos principais na capitania de Sergipe: um ao



Igreja em Tajupeca



sul, junto à cidade de São Cristóvão, e outro ao Norte, em Jaboatão no Município de Vila Nova. Edificaram no século XVII a igreja do Geru, onde estiveram também estabelecidos. Cita essa e outras edificações depois que afirma que eles as fizeram para melhor exercerem a sua ação maléfica e alargarem as suas conquistas por toda a capitania desde a sua primeira invasão.

As diligências aparecem como outro ponto de destaque desse seu texto, nas referidas páginas citadas acima. Escreve sobre as mesmas como se estivesse narrando uma cena de guerra. Elas marchavam por caminhos desconhecidos dos próprios oficiais, acrescenta ele. Somente cercaram os colégios, prenderam os padres e escravos encontrados, após aberto o último ofício e, achando nas imediações dos colégios, em obediência às ordens, sob pena de morte cominada.

Na página 55 termina sua narração da prisão e deportação desses padres, em continuação da nota 16 que trata da administração de José de Mares Henrique (1756 – a 1759). Diz que o citado alvará relativo ao Brasil, foi mandado executar pelo Vice-Rei D. Marcos de Noronha, por um bando

publicado em 26 de novembro, mandando prender os jesuítas e sequestrar-lhes os bens móveis e imóveis. Também cita o alvará de 13 de setembro do mesmo ano de 1759, onde eles são declarados rebeldes, traidores, desnaturalizados e proscritos.

**“Não há citação dos nomes de quem participou das diligências. Não aponta os conflitos envolvendo esses sujeitos dessas diligências com vários potentados rurais interessados na riqueza desses padres”.**

O autor afirma que ignora a quantidade de jesuítas presos. Mas diz que nos documentos oficiais, o Ouvidor de Sergipe remeteu, em 05 de fevereiro de 1760, ao Marques do Lavradio, um jesuíta, único encontrado na Fazenda Tejupeba, pertencente aos prisioneiros. Prossegue mencionando as prisões. Desta vez se refere aos jesuítas de Japoatão. O autor menciona que mais três deles foram enviados para a Bahia pelo Ouvidor acompanhados de carta escrita de

Tejupeba, respondida em 17 de março de 1760, pelo Vice-Rei.

Quase fechando esse assunto, no penúltimo parágrafo, dar notícia da ida dos prisioneiros da Bahia para Portugal, para a fortaleza de São Julião. No dia 15 de abril foram a bordo das naus N. S. do Carmo e N. S. da Ajuda, 117 presos (indo depois os restantes). Conclui que nada mais consta sobre o estabelecimento e fim da Companhia de Jesus em Sergipe.

Lima Junior não menciona com detalhes as propriedades desses religiosos. Não aponta os nomes dos engenhos, nem a extensão deles, o quanto lucravam, tampouco o número de escravos. Nenhum nome dos jesuítas é citado. Não há citação dos nomes de quem participou das diligências. Não aponta os conflitos envolvendo esses sujeitos dessas diligências com vários potentados rurais interessados na riqueza desses padres. As informações do texto sobre os últimos dias dos jesuítas são reticentes.

O autor está mais convicto sobre os referidos padres como poderosos e *maléficos*. Este último termo significa que alguém é malvado; que exerce uma péssima influência sobre algo ou alguém. Em outras palavras, o *maléfico*, é do *mal*. Ele pode ser configurado na figura de um vilão. A narração da prisão e deportação dos jesuítas mais parece um roteiro de um filme da batalha entre o bem e o mal, entre mocinhos e bandidos. O *mal* tem se extinguido. O *bem* deve prevalecer. O *mal* representa os jesuítas e o *bem* a coroa portuguesa, tendo como intermediário a figura do Marques de Pombal. Este aparece como um herói. Aos jesuítas são reservados ao papel de vilões. A história narrada termina com a prisão dos vilões e a deportação deles para Portugal.

O texto parece ter sido feito numa montagem de tesoura e cola ou como se fosse um “*ctrl C e ctrl V*”, numa redação de texto com um aplicativo moderno.



O registro do passado sergipano é feito no mesmo modelo do que aconteceu em qualquer localidade do território da América portuguesa. Semelhante ao que vinha fazendo alguns dos pesquisadores brasileiros do final do século XIX e início do século XX que copiava o outro na mesma versão sobre os últimos dias dos jesuítas. *Capitães-Mores em Sergipe*, portanto, é um desses textos muito próximo a moda de se falar sobre os jesuítas naquele período. Ele se aproxima das propagandas antijesuítas elaboradas pelo primeiro ministro Marques de Pombal e sua equipe. O livro *Guerra aos jesuítas: a propaganda antijesuítica do marques de Pombal em Portugal e na Europa*, de Christine Vogelm, aponta como essas propagandas contra esses religiosos foram bem arquitetadas e espalhadas pelo mundo, transformando os mesmos como “vilões”, como agentes do mal.

Essas propagandas chegaram, por diversas vezes e de diferentes meios, ao Brasil, quando ainda este era colônia de Portugal e ao longo do século XIX, por

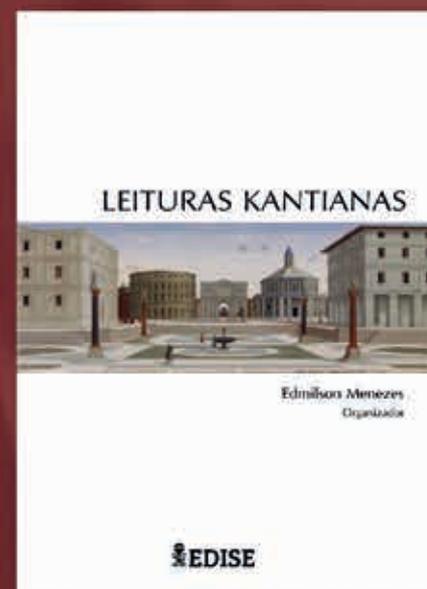
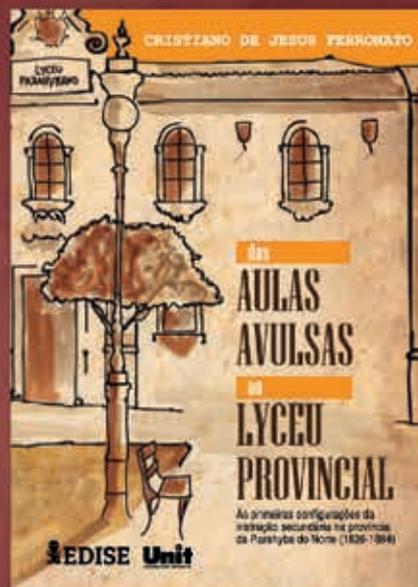
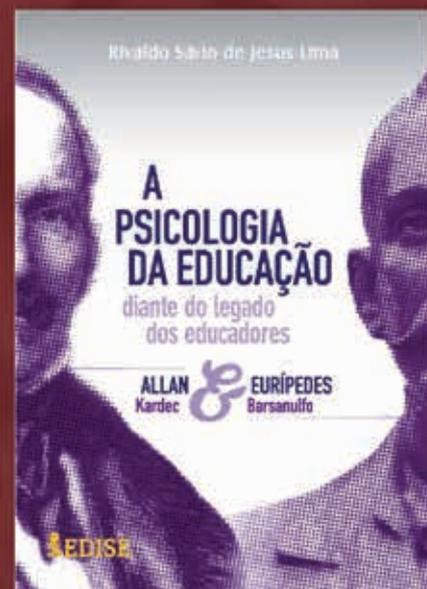
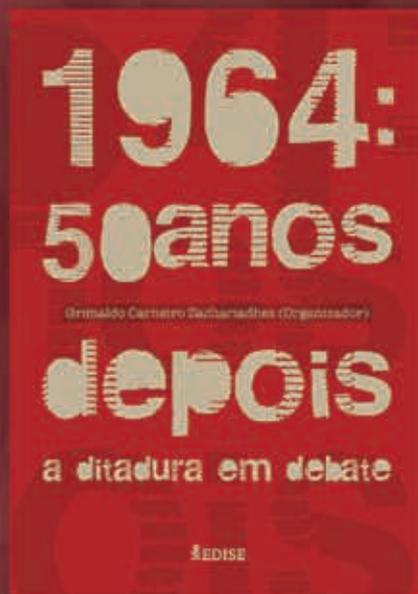
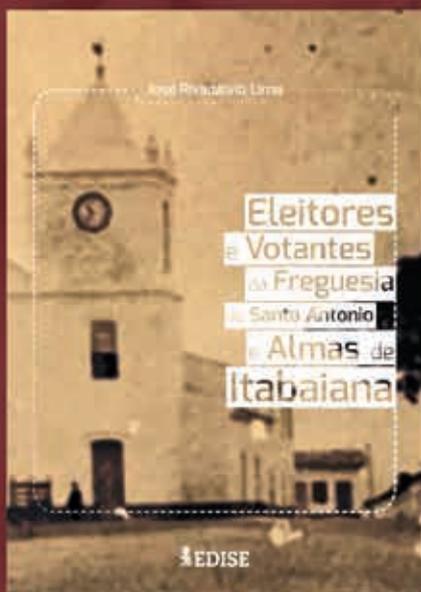
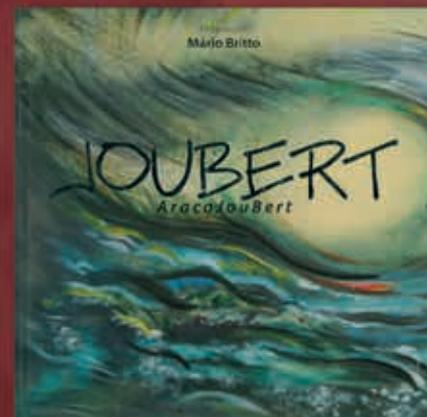
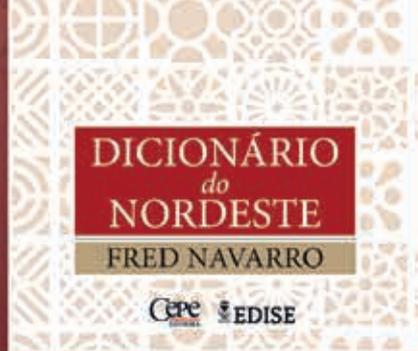
intermédio dos agentes ligados ao governo ou via textos de intelectuais que defendiam o positivismo, o monismos e outras correntes de pensamento racionalistas. Um dos centros radiadores dessas ideias eram os clubes republicanos, polos em que essas propagandas se misturavam e ganhavam formas diferenciadas, como as batalhas contra a monarquia e a escravidão. Lima Junior era, copiosamente, um desses defensores árdus da República. Foi nomeado orador oficial em Penedo, Alagoas. Em Sergipe proclamou esse regime em várias vilas.

Certamente como militante e defensor dessas ideias, sabia da importância de se construir a data 1769 como importante marco da História de Sergipe. Foi nessa data que alguns inimigos da história da pátria foram presos e expulsos. É preciso relembra-la. A ideia de que os jesuítas tornaram-se inimigos estava em sintonia com o que eles acreditavam a respeito de que esses religiosos representavam o obscurantismo e, portanto, seriam contrários ao conhecimento científico. **C**



1. Altar-mor da igreja do Geru, foto Silvio Oliveira
2. Igreja de Comandaroba
3. Estatuas de jesuítas na cidade de Japoatã, Antonio Lindvaldo
4. Conjunto arquitetônico em Tejupeba, foto Silvio Oliveira

“ A EDISE tem a grande satisfação em fazer parte dessas histórias. ”



 @segrase

 facebook.com/segrase

Email: segrase@segrase.se.gov.br

Tenha nossos livros em sua casa. Compre pelo site [www.segrase.se.gov.br](http://www.segrase.se.gov.br)

Rua Propriá, 227 - Centro - Aracaju/SE  
79 3205 7421



